PARA TODOS...

—Quando
soffria um ataque
de enxaqueca,
a dôr e o mal estar tornavam-se tão intensos, que ella ficava horas e horas soffrendo horrivelmente num quarto escuro, sem poder sequer supportar a luz.
Que achado, que allivio, quando, depois de haver experimentado meia duzia de remedios, sem resultado, tomou uma dóse de
CAFIASPIRINA
BAYER
CAFIASPIRINA
Passados poucos momentos, e a dôr e o mal estar tinham desapparecido como por encanto!
Dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias; cólicas menstruaes, rheumatismo; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.
Não affecta o coração nem os rins.
"meu unico allivio"!

I

AUSTERO!

Austero!
Chamei-a a mim,
Para a construcção final.

Ella veiu.
Veiu linda,
E, então nós dois,
Sem mais ninguem,
Erguemos a vida!

Matando musas,
Vivendo vidas,
Ella de sonho,
Ella de amor
Ella,
Ella,
A mulher sem fim!

II

AQUELLA LOURDES...

Aquella Lourdes...
Tão sereia...
E tão mulher...

Engraçado é que numa matinée de cinema,
Ella perguntou-me pelo coração...
— Ora, Lourdes, si você vae casar commigo,
Para que esta historia de coração?

III

POTENCIAL

Eu do momento,
Eu potencial...

E'poca extraordinaria,
Em que as mulheres se ajoelham
Ante o meu vulto nunca dantes navegado...

Poeta triste...
Poeta do immensamente...
Eu potencial...
Eu...

SEBASTIÃO FERRAZ.

O CASO BRAYSHON

Nelson Coleman olhou para o homem que estava sentado na sua frente, com uma attitude inquieta.

— Conte-me o que se passa — disse-lhe Coleman.

— E' uma questão de amor. Durante tres annos estive trabalhando para ella, nas explorações da borracha, em meio ás selvas da Africa do Este, juntando um capital que me permittisse, dahi em diante, viver sómente das minhas rendas. Quando consegui realizar o meu proposito, resolvi voltar para a Inglaterra, afim de me casar com a minha adorada, e, finalmente, embarquei, de regresso á Patria. No mesmo dia em que tomei o vapor, recebi a sua ultima carta, uma carta carinhosissima, na qual ella me dizia que esperava com impaciencia o dia de nossas nupcias. Ao lêr essa carta, chorei de alegria. Porfim, ia vêr realizadas as minhas esperanças de tres annos!

— E depois?

— Essa carta foi a ultima que recebi della. Ao voltar, esperava-me um telegramma. O navio em que eu vinha não tinha telegrapho sem fios.

E Boitle entregou a Coleman um telegramma que tirou da carteira e que dizia:

"Sinto muito não me poder casar com o senhor. Escreverei, si me mandar o seu endereço. Não venha vêr-me, e trate de esquecer-me e de perdoar-me. — Magdalena".

— Já póde imaginar que golpe foi para mim o telegramma. Tinha estado a trabalhar durante tres annos... e sua ultima carta dizia...

O visitante conteve um soluço, e Coleman olhou, distrahidamente, pela janella afóra.

— Não perdi a calma — continuou Boitle — e não respondi pelo telegrapho. Não podia admittir que as cousas terminassem assim. Tomei um trem expresso e fui á casa de Magdalena, para lhe exigir uma explicação. Tentaram evitar que eu entrasse, mas não o conseguiram, e entrei.

— E então? — perguntou o "detective", interessado.

— Ella quasi desmaiou, ao ver-me, mas, dominando a emoção, censurou-me por ter ido á sua casa. Eu pedi que me explicasse o "porquê" da sua attitude, porém ella me respondeu que não tinha explicações a dar-me. Perguntei-lhe si as suas cartas de amor tinham sido mentirosas, e então ella se poz a chorar. Perguntei-lhe o nome da pessoa com quem se ia casar, e ella disse-m'o: Donaldo Brayshon. Exigi que me dissesse si o amava, e não quiz responder-me; perguntei-lhe si já não me amava, e tambem não me respondeu. A unica cousa que me disse foi isto: "Eduardo, tenha piedade de mim! Não me posso casar com você. Tenha piedade e retire-se!"

O visitante, ao narrar isto, estremeceu de emoção, emquanto que os olhos lhe relampejavam de furor.

— Como é que havia de ir embora! — disse, levantando a voz. — Comprehendia que a minha presença a incommodava, mas não podia ir-me. Insisti, resisti, mas não pude obter maiores explicações; não podia casar commigo, e ia casar com o outro. A entrevista acabou, pois ella fugiu do aposento onde estavamos. Eu sahi da casa desesperado, averiguei a residencia de Brayshon, fui até lá, e elle tambem não me quiz dar explicações. E eu não o matei, senhor Coleman, embora fosse esse o meu dever. Offereci-lhe dinheiro, tudo quanto possuo. Accusei-o de se ter valido de maus meios para fazer com que Magdalena mudasse de intenção, mas elle se riu de mim, chamou o criado, e ambos que puzeram na rua. Assim, desesperado, lembrei-me hoje de recorrer ao senhor.

— E que quer que eu faça? — disse Nelson Coleman, a quem a narração interessára sobremaneira.

Na realidade, tudo era interessante: o telegramma, o trem expresso, a entrevista com a moça, a luta com o noivo, tudo interessava o "detective", que suspeitava um mysterio, debaixo disso tudo.

Eu desejo que o senhor descubra porque é que ella se quer casar com elle — disse Boitle. — que averigue isso e m'o communique.

— Bem — disse Coleman, — vou fazer todo o possivel, mas com uma condição.

— Qual?

— Que: seja qual fôr o motivo pelo qual ella obedece ás ordens delle e repelle o senhor, ha de me dar a sua palavra de honra de que não tentará matal-o.

Os olhares dos dois homens se cruzaram — eram os olhares de dois homens fortes e resolutos.

— Palavra de honra — disse Boitle finalmente, apertando a mão que lhe estendia Coleman, — mas procure, e si lhe fôr possivel evite o sacrificio. Estou certo de que se trata de um sacrificio, de que Magdalena é victima de uma machinação.

— Quando se celebrará o casamento? — perguntou Coleman.

— Na proxima semana.

— Farei o que puder.

II

Averiguar porque Magdalena ia-se casar com Brayshon, e, si o fazia á força, encontrar algum modo de livral-a dessa obrigação, era, em resumo, a tarefa a que Coleman se compromettera, e as difficuldades que encontrou na execução, aborreceram muito o "detective".

No entanto, Coleman não era homem facil de desanimar, e, pelo menos, conseguiu, no primeiro momento, verificar alguns factos que lhe permittiram ir formando um criterio.

Não era para salvar um pae ou um irmão da deshonra; não era a vulgar historia de uma falsificação que seria descoberta, si a joven não consentisse em se casar com o vilão, que se achava de posse do segredo, o que decidira Magdalena Meyton a repellir o homem a quem tanto adorava, quando já estava prestes a se casar com elle. Uma cuidadosa investigação entre toda a familia e os criados da casa de Magdalena, permittiu a Coleman verificar que o procedimento de Magdalena assombrava a todos e que achavam que Magdalena fizera mal em se comportar assim com Eduardo Boitle; mas ninguem sabia os motivos que a moça tivera para proceder dessa fórma.

Donaldo, conforme averiguou o "detective" no dia seguinte, era um joven de 27 annos, com um passado um tanto tempestuoso, um homem de caracter violento que fôra uma vez multado, por faltar ao respeito que se deve a uma senhora, na rua, mas que, a não ser isso, careceria de qualquer outro antecedente judiciario.

Mas, de todos os modos, não era o homem que convinha ao caracter simples e angelical de Magdalena, e, portanto, era incomprehensivel que, por causa delle, a moça tivesse desprezado o seu antigo noivo.

Passaram-se dois dias da semana que faltava para o casamento, e Coleman, que ainda não resolvera nada, estava sentado em sua casa, á noite, fumando cachimbo, e procurando com a imaginação o modo de solucionar aquelle

NELSON COLEMAN

problema: de como esse homem conseguira dominar tão completamente a moça.

Na manhã do terceiro dia, no momento em que Donaldo Brayshon sahia de casa, incommodou-se muito, porque um desconhecido, elegantemente vestido, tropeçou, batendo nelle de maneira brusca, tão brusca, que fez com que o seu chapéo rolasse para o chão.

O desconhecido desmanchou-se immediatamente em desculpas.

— Estava distrahido, senhor, perdôe-me... — disse elle.

Brayshon disse que sim e quiz continuar a andar, mas o desconhecido collocou-se-lhe ao lado e, murmurando ainda desculpas, negou-se a separar-se delle, quando Brayshon continuou a caminhar. Habilmente, poz-se o desconhecido travando conversação com Brayshon até que, poucos momentos depois, entregava-lhe o seu cartão, offerecendo-lhe a sua amizade, attenção a que Brayshon correspondeu, entregando-lhe tambem o seu.

— Insisto — disse o desconhecido, cujo cartão trazia o nome de Sampson P. Vane. — Insisto para que o senhor almoce commigo amanhã. A sua conversação deve ser muito agradavel, e eu o esperarei.

— Muito bem! — disse Brayshon. — Acceito com grande prazer. Creio que seremos bons amigos, pois os nossos genios combinam.

Separaram-se, e Sampson P. Vane voltou para casa, tirou o disfarce e, com o seu verdadeiro aspecto de Nelson Coleman, dirigiu-se a uma casa de Harley Street.

O especialista de doenças mentaes que ahi residia, olhou-o fixamente, quando Coleman terminou de manifestar-lhe o que desejava.

— Nada mais do que isso? — disse o homem admirado.

— Conto com o senhor, sir James — disse o "detective" tranquillamente. — Não se esqueça de que, quando eu o auxiliei no assumpto de Ellersham, o senhor me prometteu que me auxiliaria em qualquer momento que eu precisasse. E agora, não quer me ajudar?

— Mas, Coleman! Isso de eu me vestir de "garçon" e ter que lhes servir um almoço, a você e a outro, e, o que ainda é mais difficil, achar outro medico da minha especialidade para que me acompanhe, tambem com o mesmo disfarce, é cousa impossivel.

— E' necessario! E' indispensavel que o senhor o faça.

— Mas, si eu não sei servir uma mesa! Vão logo notar que não somos empregados de restaurant.

— Vocês só terão que trazer e levar os pratos que lhes serão entregues na sala ao lado. Vou arranjar a cousa com o gerente do restaurant, e tudo será muito simples. O senhor já tem visto um milhão de vezes o que fazem os "garçons", para os poder imitar, ao menos numa occasião como esta!

Depois de obter a promessa de Sir James, Coleman retirou-se e foi logo ao hotel onde se alojava Boitle.

— Não me deve perguntar nada — disse-lhe. — E deve me prometter que me deixará agir só. Amanhã irei almoçar com Brayshon no restaurant Bingwood e você, collocado por traz de um biombo, poderá ouvir o que conversarmos, si fôr capaz de se dominar e de não intervir senão quando eu avisar.

Boitle lhe prometteu tudo, e Coleman sahiu, para conferenciar com o gerente do restaurant.

III

— Os "garçons" deste restaurant não me parecem muito bons — disse Brayshon, descontente; — mas a cozinha é de primeira.

— De primeirissima ordem! — disse Sampson P. Vane.

— Esse burro, o mais velho dos dois, já deixou cahir dois pratos — exclamou Brayshon.

— Não repare nelles, meu amigo — disse suavemente Sampson P. Vane — e tome um pouco mais de champagne. Uma sua observação, hontem, quando falavamos, na rua, me fez pensar. Lembra-se do que lhe falei? Pois bem: o caso não era simplesmente hypothetico... Eu estou loucamente apaixonado por uma mulher, e não sei que fazer para que ella me corresponda. Vamos a ver: aconselhe-me algum meio para que eu possa conseguir que abandone o noivo que tem e se case commigo. Hontem, quando eu lhe falei nesse assumpto, o senhor me disse...

— Disse-lhe que o unico meio seguro de se manejar uma mulher, é assustal-a — exclamou Brayshon, mordendo a isca.

Sim... Assustal-a! Mas, como?

O senhor acha que estes "garçons" não pódem ouvir?

— Todos os empregados deste restaurant são allemães como o patrão, e não sabem senão o inglez indispensavel para se entenderem com os freguezes — disse Coleman. — Não se preoccupe com elles. Diga-me: qual é, na sua opinião, o melhor modo de se assustar uma mulher, para poder assim dominal-a a seu gosto?

— Deve-se usar o terror em grande dóse. Ameaçar com o suicidio é pouco. E' preciso falar em matar gente a centenas, a milhares...

— E fazer assim um appello ao seu bom coração, e ao seu amor pela humanidade, não é? "Si não me amas, matarei dez mil pessoas!" E ella, para não ser a causadora de tantas mortes, acaba cedendo.

— E' isso, Vane! E' essa a idéa. Eu, em meu caso...

— Então já empregou esse systema, hein?

Brayshon meditou um instante, como que arrependido de ter ido demasiado longe; mas depois continuou falando, animado por um grande gole de champagne.

— Si o empreguei! — disse. — E vou dizer-lhe de que modo. Eu lhe disse: "Case commigo quanto antes, ou será responsavel pela morte de milhões de victimas innocentes: homens, mulheres e creanças". Primeiro, ella deitou a rir, depois me disse que eu estava louco e que si repetisse a ameaça, ella avisaria a policia. "Póde avisar a policia — disse-lhe; — mas antes de que ella possa tomar medidas, eu cumprirei a minha ameaça, porque já tenho tudo preparado. E si isto acontecer, si por sua causa morrerem tantas victimas, pense que o remorso de não as ter salvo, podendo fazel-o, encherá as suas noites de pesadelos horriveis, e os seus dias, de amargos remorsos". Ouvindo isto, ella me chamou de demonio, tornou a dizer-me que eu estava louco, mas já não se mostrou tão rebelde. Convenci-a de que era capaz de cumprir a minha promessa. Disse-lhe que commetteria o crime, si ella se negasse; e o resultado foi completo: despediu o noivo, e, dentro de quatro dias, casou com ella.

— Já percebo, — disse Sampson P. Vane. — Mas, que plano de crime, o senhor lhe pintava, que ia ter como resultado, tantas victimas innocentes?

— Um, muito simples e convincente, meu amigo. Jurei-lhe que poria, num desses depositos de aguas correntes, veneno bastante para matar todos os que bebessem um gole dessa agua em todo o

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", 164, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402. Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8.º andar, salas 86 e 87.

perimetro da cidade, servido pelo deposito envenenado...

— E ella preferiu mandar embora o noivo a causar tantas victimas, não ?

— Assim é ! Em se tratando de uma mulher ! Ella sabia tambem que não podia denunciar-me porque, como eu lhe disse, vendendo-me não poderia evitar que eu commettesse o crime, e, mesmo que eu não tivesse tempo de commettel-o e a policia quizesse prender-me, não acharia motivo nenhum para isso, nem prova em que se basear, e que a denuncia pareceria, invenção de mulher hysterica, e que assim, logo que eu fosse posto em liberdade, sahiria para ir envenenar a agua.

— Muito bem — disse Vane

— Não lhe parece ? Isso é saber manejar pelo medo uma mulher. Vamos a ver si o senhor tem um plano semelhante para dominar a sua.

E, dito isto, Brayshon permaneceu como que perdido em uma especie de somnolencia e Sampson P. Vane falou com um dos "garçons":

— Já basta, Sir James ? — disse em voz baixa.

— E' sufficiente — respondeu o especialista, tambem em voz baixa.

— Boitle ! .. — chamou Sampson P. Vane, em voz alta, e ao mesmo tempo, poz-se de pé rapidamente, atirou-se a Brayshon, e se ouviu o ruido de um ferro.

Pallido de raiva, Boitle sahiu de detraz do biombo que o occultava, para acudir em auxilio do "detective", e, antes de que percebesse o que succedia, Brayshon viu-se atado de pés e mãos.

—

— Já demos o nosso attestado—disse Sir James. — Trata-se de um demente, que deve ser recluido sem perda de tempo.

— Um carro e dois enfermeiros do hospicio estão á porta, esperando — disse Coleman.

Levaram o louco, lutando até o vehiculo, e quando este se afastou a caminho do manicomio, voltaram para a saleta onde fôra servido a almoço.

— Que plano horrivel ! — dizia Boitle. — Como deve ter soffrido a pobre Magdalena !

— Está louco de facto — disse Sir James. — E' um caso grave, e estou quasi certo que incuravel. Que tal fizemos de "garçons", Coleman ?

— Muito mal — respondeu o "detective". — Mas cumpriram perfeitamente a sua missão de confiança.

— E eu — disse Boitle — estou-lhes enormemente agradecido. Não acho palavras para exprimir a minha gratidão. Ao senhor, senhor Coleman, devo-lhe a vida.

(Traduzido por ANELÊH)

•

O MAPPIN STORES NA FEIRA DE AMOSTRAS

Sempre interessado por todas as manifestações da nossa actividade, o Sr. Dr. Washington Luis, Presidente da Republica, visitou ha pouco, na Feira de Amostras, o bello "stand" do Mappin Stores", organização commercial das maiores do Brasil.

Esta visita tem particular significação, porquanto, o Dr. Washington Luis além de antigo amigo desta casa, foi quem abriu com chave especial de ouro em 1919, as actuaes installações do Mappin Stores em São Paulo.

Aos poetas tristes da minha terra

Os poetas da minha terra são tristes, muito tristes...
Alguns, no esplendor dos vinte annos,
Fazem versos á magua e á tristeza
Cheios de desalento e de agonia...
E não fazem siquer um canto á alegria
Que é necessaria á alma
Como o sol é necessario á natureza !

Por que são tristes, poetas da minha terra ?
Não é a terra immensa ? Não é cheia de sol ?
Não teem mais na alma a seiva em flor da mocidade ?
Olhem a vida e ouvirão em toda a parte o mesmo cantico de guerra
Porque a nossa terra é moça, porque a nossa terra é linda !
Ponham de lado, pois, a lyra roxa da saudade.

Deixem que os velhos chorem, no crepusculo da vida,
As mais ternas lembranças da sua adolescencia...
Tristes poetas moços, vocês, cantem a vida
E lembrem-se que a Alegria é uma virtude
E que a terra Brasileira é a mais linda do mundo
Porque é cheia de seiva, cheia de juventude !

Escutem: Em toda a parte ha o mesmo cantico de guerra !
Não sejam tristes, não, poetas da minha terra !

PEREYRA DEL RIO.

Vista da frente e vitrinas da nova loja da Cia. Dr. Schol S. A., inaugurada sabbado passado, na rua do Ouvidor, 162, mostrando a artistica exposição de apparelhos e remedios para o conforto dos pés. Esta nova loja, montada com todos os detalhes de bom gosto e luxo, será sem duvida uma das mais bellas desta capital.

Senhorita Helena Oliveira Romano, "Miss Goyaz".

SONETO

(Ao meu sogro e amigo)

Prosegue sempre, ó bravo, o teu caminho,
Com a mesma fé que te tornou tão forte,
Que encontrarás até no proprio espinho
O doce aroma salutar da sorte !

Que Deus conserve esse teu firme porte,
Para que eu possa ver-te bem velhinho
E sendo ainda o colossal supporte,
Da nossa prole cheia de carinho !

Desejo ver-te numa longa data,
Com teu cabello transformado em prata;
Da branca prata que dos annos cáe.

Porque percebo, algo de grandeza
Em tua alma, e já tenho certeza,
De que um bom sogro póde ser um pae !

João Baptista Dias.

Desembarque de Mr. E. E. Barton, superintendente geral do trafego da Light, de regresso de sua viagem aos Estados Unidos.

Senhorinha Jardelina, filha do Dr. Eduardo Britto, elemento de destaque social na cidade de Viradouro — E. de São Paulo.

MINIATURA DA CAPA D'"O MALHO" DE HOJE

Adelaide

Numa manhã clara e alegre — como foi o teu sorriso
— quiz guardar-te o mar — a immensa esmeralda...
E roubou-te a vida...

Na tua alegria ingenua, confiaste nelle...
e elle, o mau, esqueceu os dois velhinhos, que choram hoje
a sua grande maldade...

Só uma vez nos falamos, lembras-te ?
Numa noite, quasi alta noite... passava ligeiro.
Vi teu vulto meigo que esperava alguem...
Perguntei-te por Elle. Não o sabias...
Senti na tua resposta toda a saudade que sentias...
ERA O AMOR DA TUA ESPLENDIDA MOCIDADE.

Morreste, Adelaide
e dos meus olhos que nunca olhaste
brotaram tambem, silenciosas lagrimas
que te envio na suave saudade de ti
FOSTE UM SORRISO, ADELAIDE.

JOSE' PORTUGAL.

Quanto dura uma Lua de Mel?

Dura ás vezes uma lua: - dura emquanto permanece o ar contente que reflecte o estado d'alma venturoso da joven esposa.

Mas a alma não governa o corpo. Os soffrimentos physicos apagam das physionomias os vestigios das alegrias interiores.

As senhoras, sob a ameaça permanente de seus Incommodos, nunca podem ter a segurança de não soffrer, a menos que estejam devidamente esclarecidas quanto ao meio efficaz de combater os seus males. E' indispensavel, pois, saberem todas que "A Saude da Mulher" é o remedio infallivel das Flores-Brancas, das Suspensões, das Regras Demasiadas, das Colicas Uterinas.

Sob a protecção d'"A Saude da Mulher" pode uma lua de mel durar o que dura a mocidade, porque o seu emprego evita que aquellas doenças venham a desencantar tão doce phase.

Tanto para as jovens esposas, como para as senhoras em geral, a saude se encontra num simples frasco do grande remedio

A SAUDE DA MULHER

DEVOTAS DE TERESINHA

palavras de Elóra Possolo
desenhos de J. Carlos

Entraram tres pequeninas figuras de sagui, os vestidos pelos joelhos, os braços completamente nús, os chapéos nas mãos, deixando a descoberto tres restos de cabelleiras cortadas "á la homme", provocadoras, um ar petulante nos olhos terrivelmente trabalhados a bistre e vaselina, um riso garoto nos labios de um vermelho gritante.

Ao «O que desejam» ? do vendedor responderam as tres a um tempo :

— Medalhas de Terezinha !

E uma dellas, abrindo a grande bolsa moderna, tirou o "baton" com que se poz a accentuar mais ainda o coração já tão pronunciado da pequena bocca e em seguida commeçou a tagarellar :

— Não sei como perdi a minha medalha !

Foi hontem, no chá de Copacabana. Por isso tudo me saiu ás avessas. Ah ! não posso passar sem a minha santinha ! Sou-lhe tão devota ! Tambem ella me tem dado tantas graças ! Ainda a semana passada o meu successo no Casino ! Rezei-lhe tanto antes de sair e nunca me vi tão cercada, nunca tive tantos pares !

— Eu, disse por sua vez uma das companheiras, cruzando as pernas, devo-lhe a reconquista do Julio. Elle estava num flirt ferrado com a Souza Oliveira quando desci de Petropolis. Prometti uma vela a Therezinha se o tirasse da quella serigaita e tres semanas depois obtive a victoria e deixei-a damnada ! Outra vez tambem consegui, offerecendo-lhe um terço, que papae me dexasse ver uma fita que emperrara em achar pouco decente. E papae quando emperra !... Só mesmo Sta. Therezinha ! Ah ! como lhe sou grata !

E para mostrar toda a sua gratidão beijou soffrega uma das medalhas trazidas pelo vendedor.

— Commigo, apezar de lhe ter tambem toda uma devoção particular, falou emfim a terceira numa voz suspirosa, ella não se tem mostrado assim propicia. Ha cinco mezes que lhe faço novenas sobre novenas para que me arranje um marido e até hoje nada !

— Não lhe sabes pedir com certeza ! Por que em vez de novenas não lhe fazes uma promessa ? Talvez tivesse melhor resultado. A Chiquina Mendes, lembras-te, aquella lourinha que nos foi apresentada pelo Fraga ? Quando estava de namoro com o Costinha, hoje seu marido, receando que o negocio não passasse de brincadeira (diziam todos que elle era um "flitista" profissional) prometteu fazer uma communhão lá no Santuario, se elle a pedissse em casamento.

— Ah ! mas communhão é muito difficil !

— Um marido ainda o é mais por estes dias ! Terias apenas que matar a preguiça e saires cedo do quentinho dos lençóes...

— Não é isto ; o peior são as mangas ! Olha, eu não teria um vestido em estado, se Teresinha me arranjasse um marido de hoje para amanhã ! . .

A meu lado uma preta gorda que comprava, ella tambem, um quadro de Teresinha, resmungou entre dentes, vendo as tres figurinhas se dirigirem para a porta :

— Tá renego ! A gente até pecca, mas tanta premessa para tanta porcaria !

E pondo no quadro uns olhos amorosos :

— Ah ! a minha santinha !

Que cobrão ella me arranjou hontem no urso !

Se ella faz dá hoje o cachorro, ponho-lhe duas velas no altá !

PROJECTOS
— Eu pretendo abrir brevemente um botequim ali na esquina.
— Estás brincando? Com que dinheiro?
— Com um pé de cabra.

Trecho da bahia de Guanabara
RIO

Hospital de Psychopathia
VARGEM ALEGRE

EMANCIPAÇAO
— Eu tinha tanta vontade de ter um bom ordenado.
— Para que? Eu me contento com o ordenado dos outros.

RIO
Campo de Sant'Anna

Avenida Rio Branco

RIO
Campo de Sant'Anna

UMA FUTURA VICTIMA
— Sim, arranjei. Mas o director prometteu-me um logar de vigia do leito da estrada de ferro.
— Acceita, Vespasiano! Fecha os olhos a tudo e prosegue, altivo, sempre nos trilhos do teu dever!

Passeio Publico
RIO

Rio Parahyba
VARGEM ALEGRE

Arsenal de Marinha.

ENTRE AMIGOS
— Minha noiva.
— Êta bicho! Que pedaço! Você me dá esse retrato?

Cães de Luxo

OS cães estão tão em moda que não se sabe porque não se acham á venda nos costureiros; assim haveria mais harmonia nos conjunctos. Cães com manchas não acompanhariam vestidos de cores lisas e cães de uma só côr não acompanhariam vestidos multicôres. Nas estações em que predominam as pelles rasas, seria evitado o "skye terrier", pelludo como um lama; nas estações em que triumpham as pelles bastas, o "toy terrier", liso como uma phoca. Far-se-ia encommenda de um "manteau" de "breit-schwanz" ao mesmo tempo que de um "king-Charles"; de um "manteau" de pello de cavallo e de um "brabançon"...

O "loulou" de Florença completaria o "renard" branco; o "samoyède" iria com o "glouton" e o "griffon" Maltez com a Mongolia.

Um tintureiro habilidoso e versado na alta costura (si possivel o mesmo que creou a "gazella façon tigre" de inolvidavel memoria), poderia crear graças a certos banhos, o cão absintho ou "bois de rose", para a cidade, o cão xadrez ou "chiné" para o sport, sem falar de recursos infinitos, de impressões em cadellas...

Emquanto o cão não estabilisa a moda (podia-se esperar que um vestido durasse a vida de um cão e não que um cão durasse o que dura um vestido) resignemo-nos a ver no cão o mais terno dos companheiros discordantes.

E' de crer, entretanto, que um cão não destôa assim tanto no ambiente de uma vida feminina, pois muitas mulheres, entre as quaes as mais distinctas, possuem cães a que se affeiçoam em extremo.

Ha duas especies de cães da moda. Os cães que estão em moda, porque pertencem a uma elite da raça canina, e os cães que estão em moda, porque a sua dona pertence á elite da elegancia feminina.

Neste ultimo caso, só uma duqueza póde ter a ousadia de exhibir numa corrente um animal, fructo dos amores de um "bleu d'Auvergne" e de uma pekineza; ou das preferencias de uma policial por um escossez.

Dahi se conclue que é mais difficil ter bastante raça para andar com um cão sem raça, do que ter bastante dinheiro para adquirir um cão de raça.

Neste momento as raças da moda são "cairns" os "sealyhams", os "griffons" maltezes, os "bassets", os pekinezes, os "bulls", os "schnauzer-pinchers", os "doberman". Em geral, as raças pequenas são as predilectas, talvez por causa da crise dos apartamentos. A predilecção bastante accentuada pelos "sealyhams", "bassets", "pekinezes", "terriers" da Escocia, indicaria uma volta zes", "terriers" da Escocia, indicaria uma volta do estylo Luiz XV de que as patas desses animaes reproduzem a forma. O pekinez seria talvez mais Regencia...

Qual destas raças é a mais affectiva? Tocamos aqui num problema insoluvel, pois cada proprietario de cão acha o seu cão o mais bello de todos, o mais raro, o mais intelligente e o mais original. E' assim que Miss Tyrrel, filha de Lord Tyrrell, embaixador da Inglaterra em Paris, opta a favor do "Brindle Bull Terrier, por causa do seu cão Rip-Rip, como os seus semelhantes, é rajado de modo irregular de preto e castanho, com o peito e a extremidade das patas manchadas de branco. Antigamente esta raça era feroz, tende, porém, a se civilizar, o que é para os cães como para os povos, o começo do fim. Assim é que antes de vir morar em Paris, Rip era alimentado de coração crú como a Dama de Vergy. Agora está no regimen das massas. E seu genio mais brando só se manifesta de longe em longe, contra os costureiros, talvez porque se aborreça durante as provas!

O "sealyham" que parece ter origem nos amores peccaminosos de uma escova de roupa e de cinto, fez as delicias da Condessa de Maigret, com o seu cão Tinger que não existe mais, e continúa a fazer as do Sr. R. Bamberger. Peter Bamberger tem uma paixão economica pelas cascas de camarão, preferencias pelo Polo e uma grande dignidade pessoal que o prohibe de se deixar banhar por outra pessôa que não o seu dono. Fica de mau humor si o não levam a Deauville, onde tem relações caninas muito agradaveis.

A Princeza J. L. de Fancyny-Lucinge tem predilecção pelas bolas de neve que são os "griffons" maltezes. E' uma raça minuscula por causa de relações consanguineas que a moral reprova, mas que o "pedigree" impõe e ahi está porque Susy é pequena e Periwinkle minusculo. Mas a Princeza diz que não ha nada mais agradavel do que viver á sombra dessas cadellazinhas em flor.

Germaine Beaumont

Mme. Renault porá novamente em moda o cão dos Pyréneos? Póde-se duvidar disto, sabendo que esse gigante se alimenta de um kilo de carne crúa por dia e que o seu pello precisa de grandes e minuciosos cuidados como o pente de ferro e o banho sulfuroso. Riou (é o seu nome), Riou é melancolico como todos os cães de pastor que em vez de cem carneiros, têm apenas o seu dono a guardar.

Com os "cairns", voltamos ás raças pequenas. O "cairn" de Mrs. Dickson é um enigma quanto ao pello que é longo e macio em vez de aspero, apesar de seus antepassados irreprehensiveis. Quanto ao caracter seria perfeito si não fosse uma certa propensão ao orgulho quando passeia de carro e que olha, desdenhoso, seus irmãos que vão "á pata". Será um defeito exclusivamente canino?!

A Condessa Jean de Castellane prefere os pekinezes na pessoa da sua cadellinha Vouzy que é estrictamente vegetariana (com predilecção toda especial pelas fructas e caldo de laranja). Infelizmente, Vouzy não deixará herdeiros. A sua fragilidade physica e a pureza de seus costumes prohibe-lhe, ao que parece, a alegria de constituir familia.

Cão de prazer, mas não de luxo, pois é robusto, o "griffon", de Bruxellas que é o orgulho de Mme. René Bartholoni, presidente do "Club Français du Griffon Bruxellois", e que faz criação desses cães por meio de selecção. Quanto ao "schnauzer pincher" é um animal de grande belleza e cada vez mais em moda, pois além de servir de distracção serve tambem para guarda. Entre os mais bellos, citemos Domina, que pertence á Marqueza de Polignac, e Rudolph von Holickstein que pertence a Mrs. Crosby. O "schnauzer pincher tem um pello de ferro e um coração de ouro.

O Sr. de Monlignou transformou o seu "Irish terrier", Funny num companheiro de todos os instantes. Sombra fiel, Funny acompanha seu dono no automovel, a pé, a cavallo, em villegiatura, ao hotel, ao "Bois". E á noite é visto nos grandes restaurantes, no "Ciro's", no "Maxim's", no "Boeuf sur le Toit.

Lady Trent of Nottingham mostrou, na escolha do seu favorito, um certo amor á difficuldade e um grande desdem pelos cães occidentaes. Ella possue um "saluki" ou perdigueiro afghan, animal curioso que parece com Tout-ank-Ammon de que tem o perfil e

(*Termina no fim do numero*)

AUTOMOVEL CLUB DO BRASIL

Num dos lindos chás desta estação

3º Congresso Odontologico Latino Americano

Inauguração — Abertura da exposição — Delegados de São Paulo — Sessão de installação — Outro aspecto da abertura da exposição

3º Congresso Odontologico Latino Americano

A sala durante a inauguração — Familias dos delegados paulistas — Na exposição — Com o Presidente da Republica — Na installação

Lá em Hollywood

Quanta gente sonha com este nome: **Hollywood**. Parece que a felicidade móra **lá**. **Parece**. Não se sabe bem. **Principalmente** agôra que os films falam. **Fizeram** com o cinema o que as meninas **e os meninos** fazem com as bonecas **e os bonecos**. **Abriram** para vêr o que **tinha dentro**. Que é que tinha? Uma **grippe** medonha. Toda gente tossindo e dizendo coisas roucas. Pois é de Hollywood, que o nosso companheiro Adhemar Gonzaga, director de "Cinearte", que anda em viagem de estudo e trabalho, nos mandou estas photographias silenciosas com elle, Lia Torá, Eva Schnoor, Carlos Modesto e Antonio Cumellas, á porta de um bangalow e na praia.

Uma "caloge," barco velho aproveitado para guardar os utensilios da pesca.

Praias da Normandia
Ètretat

Ribeiro Couto

TODA a costa normanda do Pays de Caux, entre Treport e o Havre, é assim bella e hostil: uma grande muralha de rochedos brancos — a "falaise" — desafia o mar. Alta muralha que tem ás vezes quasi cem metros! Em baixo, nas praias, as marés fazem rolar os seixos innumeraveis, arrastando-os no fluxo e refluxo infinito, musicalmente. Sobe no ar brumoso essa estranha canção, vagamente lamentosa. Voz triste dos pescadores afogados?

Dia por dia os vagalhões incessantes atacam os penhascos; os desmoronamentos succedem-se. Depois, no fundo das aguas, a luta continúa: as lascas da "falaise", ás vezes tão grandes que obstruem os pequenos portos de pesca, são esmigalhadas, desfeitas em "galets" sonoros.

* * *

Normandia dos pescadores que vão buscar o bacalhau e o arenque nas terras distantes: a Inslandia e a Terra Nova! E' por este mar que elles partem. Aquellas velas, lá longe, sob o céo nevoento de outomno, viram tempestades nos mares frigidos.

* * *

Mas eis aqui Etretat, com o seu casino, as suas vivendas de verão na orla da praia, os seus palacetes, os seus villinos. E eis, atraz das construcções novas, a cidadezinha velha.

Rua Alphonse Karr... Entre as casas silenciosas, senhores pacificos, com um ar de pequenos capitalistas, passeiam gravemente. E' a estação-morta, não ha importunos. Os burguezes de Etretat estão contentes, podem andar tranquillos, fumando cachimbo. No verão vêm centenas de inglezes, de norte-americanos, de allemães, de francezes; e Etretat, tão discreta nas suas ruasinhas estreitas, fica cheia de uma agitação de festa. No Casino os milhões rolam sob a varinha do "croupier".

Agora, no approximar-se do inverno, é possivel pagar mais barato as flores, os legumes, o peixe. O cachimbo tem um gosto delicioso. As apolices do Estado dão um juro razoavel. O burguez de Etretat agradece a Deus a doçura da vida.

No entanto, os lojistas suspiram. Ah, os veranistas, que pagam tudo carissimo, sem olhar o preço!

* * *

Na embocadura de um valle encantador, Etretat — pequena rival de Trouville e Deauville, as grandes praias mundanas da costa normanda do Calvados — era ha cem annos um logarejo de pescadores. Vieram pintores fazer paizagens: guardaram o segredo da sua descoberta maravilhosa. Porém, Alphonse Karr um dia, chegou para repousar. Dahi, em folhetins, em livros, nunca mais cessou em Etretat, que ficou na moda, como uma actriz bonita que um jornalista lançou. Os mais formosos penhascos do Pays de Caux estão nestas praias. Alfonse Karr fez a gloria do logarejo. Que abastado inglez deixa hoje, no verão, de vir tirar uma photographia da Chambre des Demoiselles, a grande sala de pedras que é de uma selvagem belleza? Entre as torres calcareas, sob a bruma da tarde, o éco multiplica o surdo ruido do mar, prolonga a canção dos seixos; e a sensação de isolamento se mistura a um impreciso terror da natureza fantasmagorica. Entre as arcadas de pedra, avista-se Etretat. Seus tectos de ardosia tranquillisam o coração assustado. O soccorro humano anda ali perto...

(Termina no fim do numero)

Arcadas naturaes nas rochas da praia.

A famosa Chambre des Demoiselles.

Templo do Céo — Recintos Sagrados

A caminho do Lion-Ly-Tchang

Por

SABIENNO SALGADO

HOJE bem cêdo, antes da hora habitual, Shih, o meu "boy", veiu despertar-me e, após o respeitoso **good morning** de t a d a dia, lembrou-me que o Colaço, dentro em pouco viria para, juntos, irmos aos negocios de "curios" do Liou-Ly-Tchang.

Em P•kim, todos os estrangeiros dedicam a maior parte do tempo ao trabalho suave de comprar e colleccionar "curios", seja isso devido a uma real attracção por objectos tão interessantes da velha industria chineza, seja por espirito de imitação ou ainda tendo eu vista especulações futuras.

Obrigado a viver no estranho mundo oriental, não posso furtar-me á regra geral e assim, n'esta manhã de primavera, antegozando os aspectos do dia, trato de vestir-me e pouco depois, p r o m p t o para sahir, aguardo a vinda do Colaço, o meu excellente amigo portuguez.

O dia de hoje, ha tanto tempo esperado, será bem aproveitado: iremos aos negociantes de "bric a brac", iniciando-me, eu, deste modo, nc vicie que mais attenção absorve aos estrangeiros residentes em Pekim.

A que dará a minha preferencia? Aos vasos de porcellana, de fórmas nobres, linhas puras e côres simples? ou aos bronzes pesados, esverdeados pela acção do tempo ou pela astucia do mercador que os submette a processos varios de uma chimica fraudulenta que em horas os envelhecerãc de seculos? ou irei dedicar-me aos mil e um "bibelots" que surprehendem e encantam o olhar pela fórma estranha, pelo trabalho e pelo acabamento que apresentam?...

Eis que chega o meu amigo e sem perda de tempo tratámos de partir.

Rica e activa zona situada entre os antigos quarteirões chinezes, Liou-Ly-Tchang é o nucleo principal da cidade para os negocios de sêda e de "curios" e tambem para as incursões bohemias aos theatros e aos restantes do que o que proporciona o trajecto que tomámos.

Partidos de casa, nesta alegre manhã, Colaço e eu, accommodados nos nossos rickashaws que puxam os coolies já desembaraçados das amplas tunicas que traziam no inverno, percorremos a Hsin-Kai-Lu, isto é, rua Nova, typo classico das ruas chinezas de residencia, formada por duas linhas irregulares de muros pardacentos, limitando o estreito e poeirento caminho sem passeios nem calçamento, apenas com o chão de terra mal batida que se transforma n'uma pasta lamacenta nos dias chuvósos do estio. Aqui e acolá, presas aos muros que occultam as casas, raras lampadas de petroleo servem, á noite, com as suas fracas luzes, para indicar a direcção, já que para illuminar não servem. Sobre o historico desta zona, eis o que me conta o meu amigo:

" **Yen-Sun**, letrado entre os mais notaveis no fim da dynastia Ming, depois de ter sido Primeiro Ministro do Filho do Céo, um dia, como aconteceu com tantos outros, cahiu no desagrado do seu Augusto Amo. As consequencias não se fizeram demorar e assim, de desgraça em desgraça, esse Mandarim que fôra tão temido, quando no poder, perdeu o emprego, os titulos e privilegios e, por fim, condemnado ao exilio, confiscou o Governo todos os seus bens. As terras que possuia, bem assim o seu palacio, foram-lhe tomadas, divididas em lotes postos logo á venda e varias ruas se abriram, dando origem ao bairro que ora percorremos".

O trajecto não é longo em Hsin-Kai-Lu e, em pouco, entrámos em Ha-Ta-Men, arteria larga e recta, uma das mais extensas da cidade, atravessando de sul a norte a Cidade Tartara, desde a Porta de Ha-Ta-Men até o Templo dos Bonzos Amarellos. Embora percorra uma zona de residencia, esta grande rua possúe numerosas lojas e armazens installados em casas baixas, de estylo uniforme, algumas com a fachada singularmente pintada de vermelho ou dourado e guarnecidas, quasi todas, de enormes estandartes, em que se alinham em sentido vertical, caracteres da escripta desta gente, indicando o nome da casa e o genero de negocio. São lojas de um commercio pobre mas variado, tendo á porta, em exhibição, as mercadorias dispostas do modo mais absurdo, quasi nunca obedecendo á ordem, ao transito e ao asseio. Junto ao negocio, esperando a clientela, senta-se o proprietario q u e tranquillamente fuma o seu cachimbo.

Como rua modernizada que é, Ha-Ta-Men possúe largos passeios dispostos no mesmo nivel do espaço central destinado ao trafego de vehiculos e delle separado por vallas abertas, collectoras das aguas da chuva e dos detrictos de toda a sorte que ahi lançam os moradores das visinhanças.

Nos passeios, extendem-se interminaveis fileiras de vendedores ambulantes de louças, frutas, confeitos e alimentos, que attrahem sempre largo circulo de clientes entre as classes populares que geralmente não possúem cozinha em suas casas.

Nesta rua, em toda a sua extensão, agita-se um publico ruidoso que, sem attender ao movimento dos vehiculos, é que ameaçado de atropelamento pelos "rickshwas" apressados e ali desviado á força de gritos e murros violentamente applicados por algum bruto que procura caminho para a sua carroça puxada por um cavallo com a pelle sobre os ossos, mal supportando o peso de uma carga colossal.

No meio da multidão em que os chinezes formam grande maioria sobre os mandchús, um estrangeiro aqui recem-chegado, difficilmente distinguirá, á p r i meira vista, os homens das mulheres, tanto se parecem uns e outros no achatado do rosto côr de azeitona, nas tranças que muitos chinezes ainda adoptam e no modo de trajar uniforme no tom e no feitio. Toda a gente veste-se á chineza, dominando entre as classes populares, as tunicas azues, longas nos homens e curtas nas mulheres. Tanto estas como aquelles usam amplos calções da côr da tunica, que se estreitam na altura dos tornozelos.

O calçado chinez não póde ser mais commodo. Se exceptuarmos um bom numero de mulheres, sobretudo as de idade, condemnadas por velhas praticas, á mutilação dos pés, o que as obriga, ao caminharem, a um equilibrio permanente ou a se apoiarem n'um bastão, os chinezes, com os seus sapatos razos, sem salto, o peito de panno e a sola de feltro e de couro, pisam e andam com o desembaraço de quem jamais terá soffrido dôr de callos.

A cabeça, trazem-na descoberta grande numero de homens das classes mais humildes e as mulheres que embebem os cabellos de quanto oleo ha e usam penteados de fórmas caprichosas, entre os quaes se destacam ornamentos de pedras falsas e flores artificiaes. Os homens pertencentes ás classes mais accommodadas, os commerciantes e os funccionarios publicos, cobrem-se com um barrete em fórma de solidéo, emquanto que os mais occidentalizados começam a adoptar os chapéos de feltro e os gorros segundo os ultimos modelos da Europa.

Os rickshaws, as carretas, os carrinhos de mão e as liteiras que concorriam para o aspecto original destas ruas de Pekim, já não são os unicos meios de locomoção e aos poucos vão cedendo logar ás bicyclettas que, ás centenas, circulam por entre a multidão, aos automoveis que os chinezes ricos adoram e ás lentas victorias e aos coupés, n o s quaes é commum vêr-se passeiando a mulher e filhas ou as concubinas deste ou daquelle opulento cidadão celeste.

Os chinezes não se preoccupam com o movimento dos vehiculos nas ruas; elles atravessam o espaço destinado ao trafego como se estivessem em suas casas ou se não temessem o risco de serem atropelados.

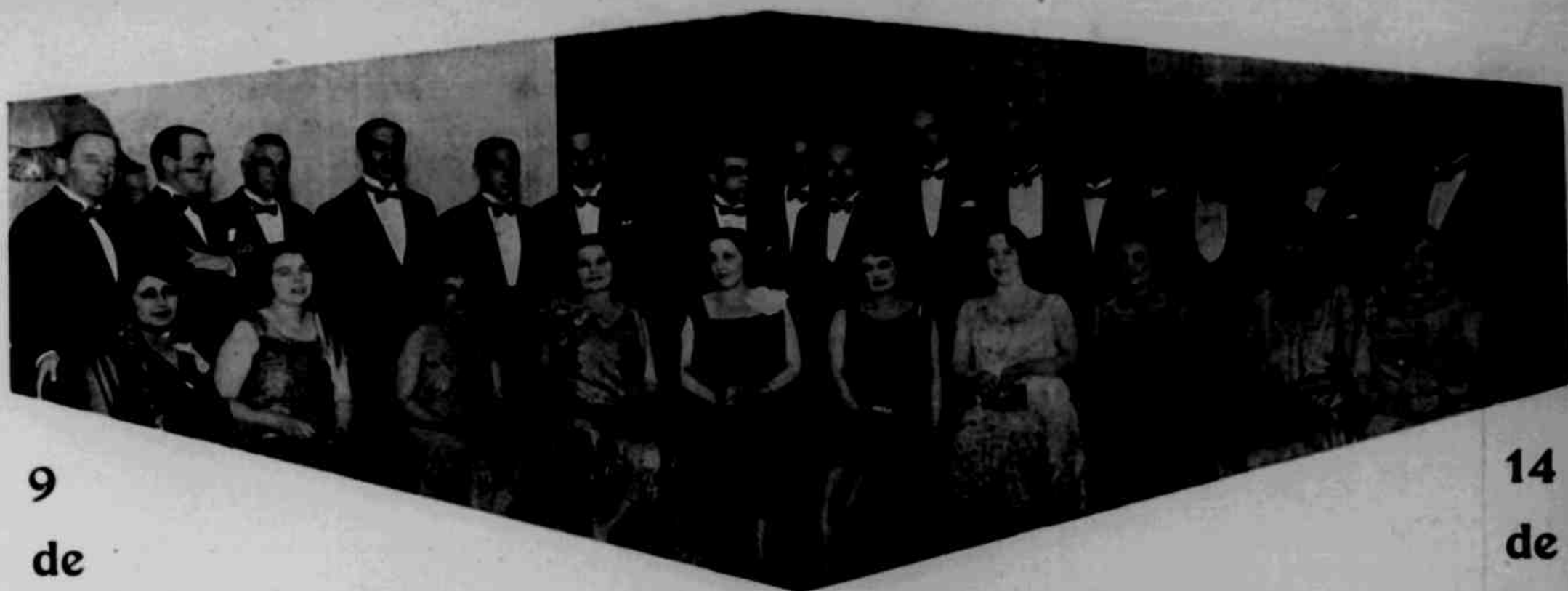
Da gente que formiga nas principaes ruas de Pekim, eleva-se um rumor constante, no qual se distingue, atroz, o pregoar dos vendedores ambulantes, alguns, para melhor se destacarem, agitam chocalhos complicados, sinetas, matracas e toda a sorte de instrumentos de ruido. Junte-se a isso, a algazarra que fazem os carroceiros, as creanças que brincam ao ar livre e correm atraz de alguma gallinha ou de um porco, as supplicas dos mendigos asquerosos que importunam os transeuntes com o humilde e impertinente "La Yê", o latir dos cães vagabundos que disputam algum osso ou investem contra a gente que passa...

Não bastando o barulho ensurdecedor e a confusão do t r a f e g o, uma poeira negra e pegajosa suffoca o ar.

(Termina no fim da revista)

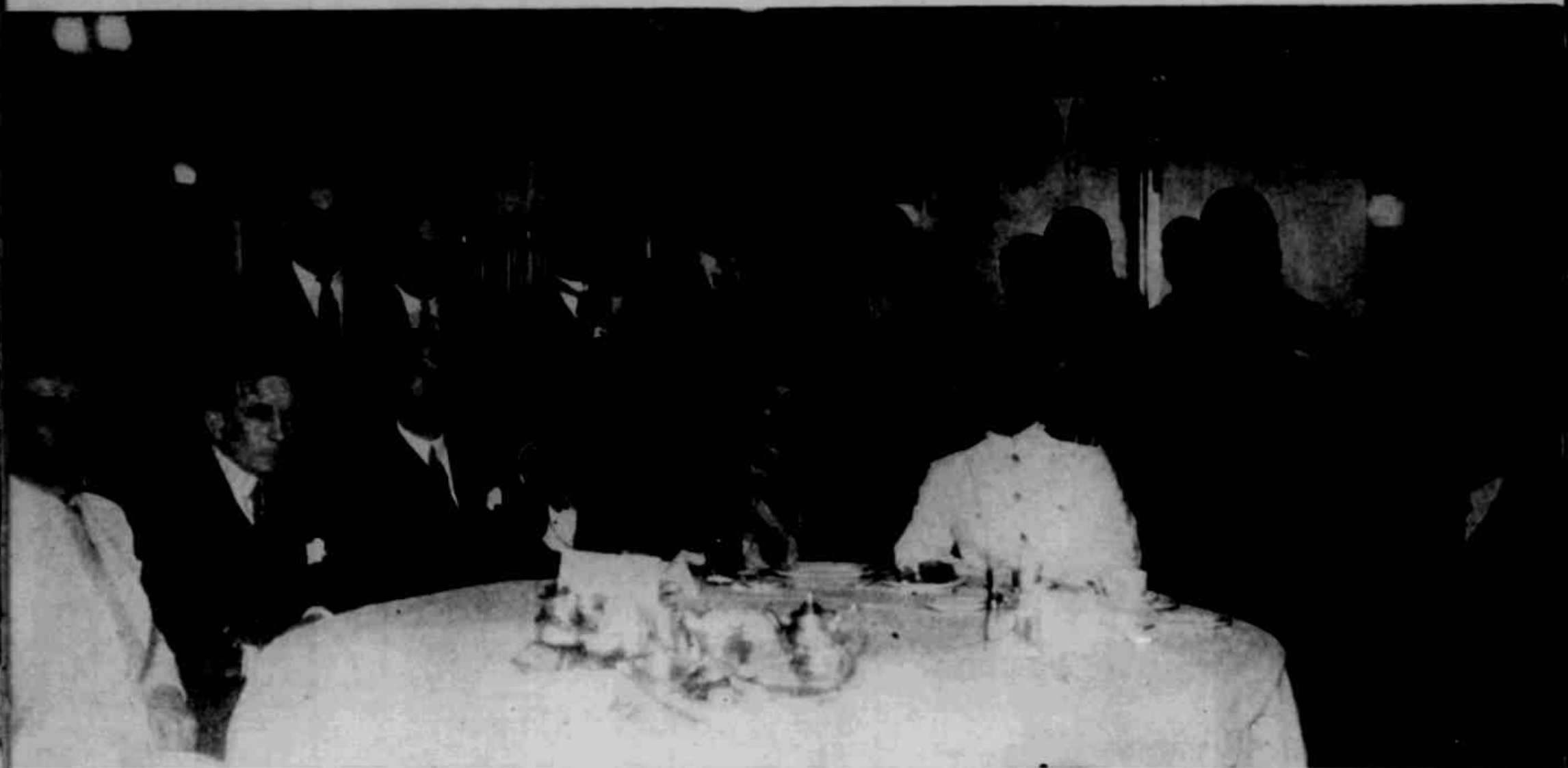
EXPOSIÇÃO DE SEVILHA
A Praça de Hespanha

EXPOSIÇÃO DE SEVILHA

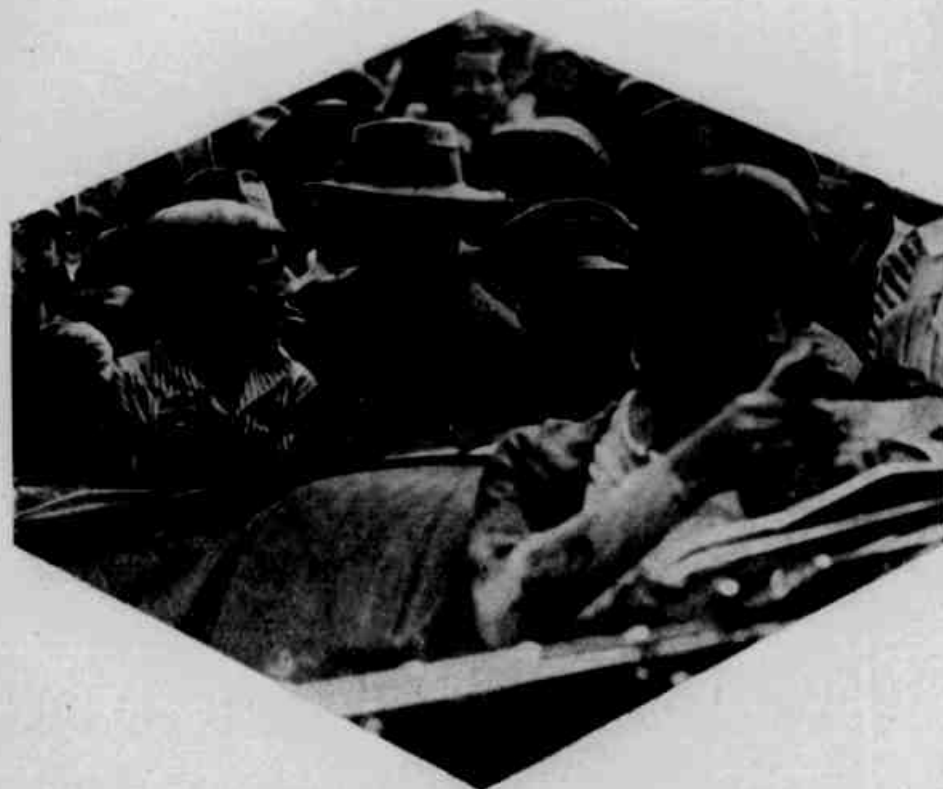
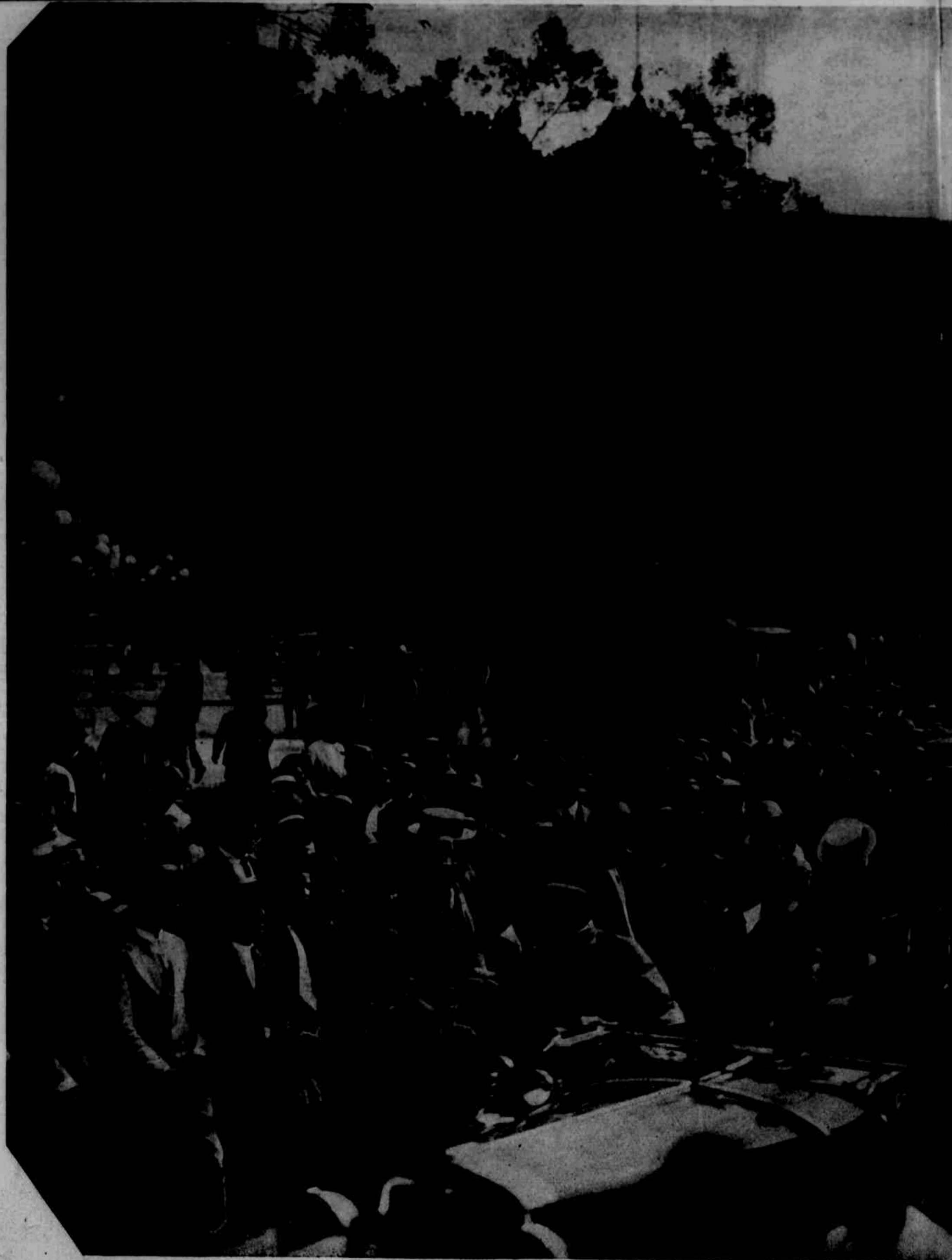
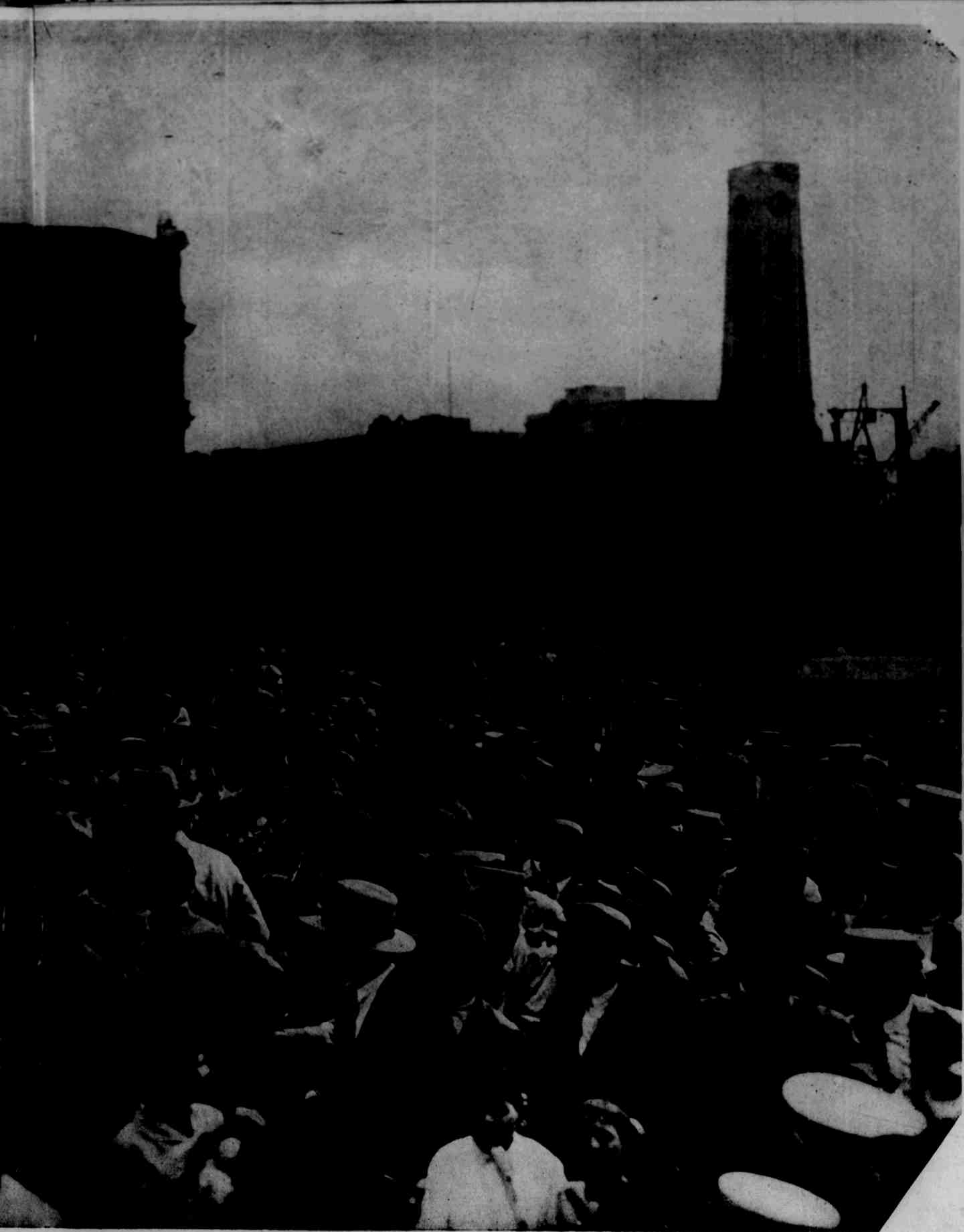
Em cima: a Praça da America e o Palacio das Bellas Artes.
Em baixo: exedra dos Irmãos Quintero no Parque Maria-Luiza, em torno do qual foi construida a Exposição. O motivo architectural do Centro fica entre prateleiras onde o publico encontra livros hespanhoes para lêr, sentado nos bancos em frente do pequeno lago.

9 de Julho

14 de Julho

No Copacabana Palace, antes do banquete do Club Social Argentino em commemoração da grande data da independencia da Nação nossa irmã.

No Hotel Gloria, durante a recepção do corpo diplomatico em homenagem ao dia anniversario da tomada da Bastilha.

A senhorita Olga Bergamini de Sá ainda a bordo do navio em que voltou da America do Norte, com o commandante, seus paes, seu irmão e pessoas amigas que foram recebel-a e dar-lhe os primeiros abraços do Brasil. Em baixo, num canto de salão, ao lado do deputado Adolpho Bergamini, seu tio. Na photographia do alto, está o nosso companheiro Pedro Lima, redactor de "Cinearte".

M i s s B r a s i l

Em cima, entre a multidão que a accl.mou ao p.sar a terra car.oca. A' direita, descendo de bordo. A' esquerda, o primeiro inst.ntaneo na sociedade. Em baixo no carro rumo de casa, Olga Bergamini de Sá chóra de alegria.

Miss Brasil sahindo da Praça Mauá, rumo de casa, recebe da multidã

multidão homenagens carinhosas pelo seu regresso á terra do Rio de Janeiro

NCURSO
TERNACIONAL
E BELLEZA

A ma's bonita é Miss New Orleans, que até parece brasileira. Miss Dallas dizem que é um assombro. Mas aquella Miss Philadelphia, lá em

baixo, ein? E todas, meninos! todas nestas "poses" que devemos á gentileza camarada dos nossos collegas do "Correio da Manhã".

DEZ REPRESENTANTES DOS ESTADOS UNIDOS

Sociedade

Realizou-se, sabbado ultimo, nos salões do Casino de Copacabana, o esperado baile "Rouge et noir".

A decoração de Gilberto estava lindissima.

Os tres grandes "panneaux" e todos os motivos decorat'vos, tudo em vermelho e preto eram mais um attestado do extraordinario bom gosto do joven artista.

Todo o nosso mundo elegante compareceu ao baile "Rouge et noir".

Mas, apezar da deslumbrante decoração e da grande affluencia, faltou á noite de sabbado um pouco de enthusiasmo, um certo "entrain".

Entre os presentes: senhor e senhora Gabriel Monteiro de Barros, senhor e senhora Ruy Mendonça, senhor e senhora Paulo de Bettencourt, senhor e senhora Plinio Uchôa, senhor e senhora Mar'anno Procopio, senhor e senhora T. Hargreaves, senhor e senhora A. Baldassini, senhor e senhora Cezar de Mello Cunha, senhor e senhora Juvenal Murtinho, senhor e senhora Cardoso de Oliveira, senhor e senhora Jorge Murtinho, senhor e senhora Evandro Chagas, senhor e senhora John Cabral, senhora Portocarrero, senhor e senhora Philips, senhor e senhora E. Ramos, senhorita A. de Mello, etc.

Uma das orchestras tocava com tal velocidade, que obrigava os dansarinos a verdadeiras acrobac'as...

Isso numa época em que só se dansa o "blues" e o tango...

A estação está chegando ao seu apogeu. Estamos numa época do anno em que o carioca não tem o direito de dizer que se aborrece aqui no Rio.

Dias maravilhosos, temperatura de primavera européa e uma serie interminavel de chás, jantares, ce'as, etc.

O "Chá Russo", as noites do Lyrico, as ceias do "Coq d'Or" e o "Country-Club" aos domingos são os pontos de encontro do nosso mundo elegante. O "Coq d'Or" venceu em toda a linha.

Nas noites de assignatura de Milton as ceias da nova "boite" são elegantissimas.

A deliciosa artista Helena Gorewa continúa a obter um grande successo com as canções "Pojoliei" (Tenha pena de mim), "Otchi tchorniye" (Olhos negros) e "Volga ! Volga"!"

No Hotel R'achuelo, durante o chá que a encantadora artista viennense Margarete Slezak offerece aos criticos theatraes do Rio e a escriptores e art'stas car'ocas.

O magnifico quartetto para dansas, dirigido por Chamecke, é um dos grandes factores do successo do "Coq d'Or".

Na semana que findou est veram na nova "boite": senhor e senhora Sylvester, senhor e senhora Fernando Nabuco de Abreu, senhor e senhora Mac Neill, senhor e senhora Ruy Mendonça, senhora Stella Penteado, senhor e senhora Frederico Burlamaqui, senhor e senhora Cesar Proença, senhor e senhora Alberto de Faria, Barão e Baroneza de Saavedra, senhor e senhora A. de Leão Velloso, senhor e senhora Paulo Santos Dumont, senhor e senhora Paulo de Bettencourt, senhor e senhora Vasco Tristão da Cunha, senhoritas Hortencia Roxo, Dora e Violeta Burlamaqui, senhor e senhora Plinio Uchôa, senhor e senhora Oswaldo Lundgren, Barão de Thénard, senhor E. Ledoux, senhor Octavio Gu'nle, senhora A. Portocarrero, senhora Renata Crespi, senhor e senhora Gabriel Monteiro de Barros, senhor Octavio Reis, senhor Victor Cunha, senhor Sergio da Rocha Miranda, etc.

VICTOR VICTORINO

No dia 14 de Julho, no jardim da Embaixada, o senhor Conde Dejean posa para o nosso photographo entre os amigos da França que foram cumprimental-o pela data gloriosa.

●

Raul Larangeira, grande violinista, realisa o seu concerto no Theatro Munic'pal, sexta-feira que vem, á noite.

A Casa da Marqueza de Maury em Londres

AS nossas photographias mostram differentes aspectos da casa da Marqueza de Casa-Maury, em solteira Miss Paula Gellibrand. Figura de destaque na sociedade londrina e parisiense, é celebre pela sua elegancia e originalidade. Sua residencia em Londres está arranjada de mode muito interessante; tem uma bella escadaria com rampa de ferro trabalhada á franceza e um banheiro original, cujas paredes e tecto são de um azul metallico, o chão e a banheira de marmore preto e as cortinas vermelhas. Os quartos e salas são illuminados por meio de reflexos de luz fixa, segundo o systema moderno francez, e a coloração da luz artificial está muito bem combinada e adaptada, formando o conjuncto de cada peça um ambiente harmonioso.

A sala de jantar da Marqueza de Casa-Maury é extremamente brilhante; as cortinas são feitas de sequins de ouro. O tampo da mesa é um espelho e os pés são de ferro trabalhado; as cadeiras são cobertas de velludo azul côr de agua-marina.

As paredes deste quarto são pintadas de amarello, decoradas de folhagem verde-claro. As cortinas e a coberta do leito são em "petunia" prateada; espelhos ao lado da chaminé de marmore por traz do leito.

Nesta photographia vê-se a sala de visitas com a sua chaminé em marmore preto e branco e a grade de metal dourado que a separa da sala ao lado. A chaminé é ladeada por lampadas de porcellana e jade, que mais parecem vasos para plantas.

Uma côr pouco usada para as paredes de uma sala de visitas: a laranja. Tecto e barra côr de ouro, cortinas de velludo côr de terra-cotta.
Mesa e sofá cobertos de velludo azul-rei e agua-marina para as cadeiras.

MISERAVEL! HYPOCRITA! INFAME!

CONFESSA-ME, Henrique, dize-me a verdade ao menos uma vez, eu te peço... Laura foi tua amante, não foi?

— Mas pelo amor de Deus, Sylvia, deixa-me em paz. Para que me atormentas tanto com essa tolice?

Sylvia ergueu-se do divan e veiu apoiar-se á secretária do marido. Joven, de vinte e poucos annos e formosa, naquella hora parecia ainda mais joven e mais bonita pela excitação nervosa que lhe fizera affluir ás faces, de ordinario pallidas, uma nova onda de sangue e de vida; os seus olhos azues e sonhadores, com cambiantes de aguas transparentes á claridade, crepuscular, despediam um estranho fulgor metalico.

E ella continuou nervosa, aggressiva, enrolando e desenrolando nos dedos finos e brancos como as petalas de um lyrio, as fitas do seu vestido muito collante e **chic**, que lhe modelava o corpo esculptural, esbelto, as cadeiras ondulosas, os seios pequenos e firmes, as pernas bem talhadas.

— Henrique, por que me occultas, a mim, que sou tua legitima esposa, a tua companheira na vida, uma cousa tão sabida por todos? Tens receio, não é? Tens medo de que eu, dominada pelo ciume, possa esquecer-me do que devo a mim mesma e venha a fazer um escandalo em detrimento da tua amada? Estás enganado, meu caro... Eu não sou tão insensata a esse ponto e nem mesmo tão ciumenta quanto julgas, tanto que nunca dei a minima importancia ás heroinas das tuas muitas aventuras de rapaz que me contaste... Todo o rapaz solteiro se diverte... Por que haverias tu de constituir uma excepção? Mas... este caso é muito differente, Henrique... Tiveste por Laura uma profunda paixão e bem sabes que aos sentimentos profundos não é dado morrer... Gostaste muito de Laura, não?

O rapaz, typo masculo, de vinte e oito annos, amorenado, de fronte ampla e cabellos pretos, ergueu para ella os olhos negros e ardentes, e teve um indefinivel sorriso. Como Sylvia estava linda! O seu olhar envolveu-a toda numa vehemencia de desejo — os cabellos de ouro, os braços nús, os olhos sonhadores, a bocca em flôr, toda a fascinante belleza das louras... Sylvia parecia coroada por todas as rosas de ouro do poente!

— Vamos, Henrique, responde-me... — tornou ella nervosa — Laura foi tua amante, não foi?

— Deus meu! Já recomeças, Sylvia?... Ha tres annos estamos casados e ainda não passámos uma semana em paz, sem que me atormentasses com este ciume louco e infundado! Tem paciencia, acaba com isto e vem sentar-te aqui ao pé de mim...

Os seus dentinhos de perolas, num movimento de revolta, morderam-lhe o labio inferior e pequeninas manchas de sangue vivo correram-lhe rapidas sob a pelle fina; e ella teve um gesto de despeito.

— Que bôa maneira a tua de te livrares de uma resposta embaraçosa!... E é sempre a mesma cousa... Desconversas, mudas de assumpto e não me contas nunca o que eu mais desejo saber na vida — se Laura foi tua amante.

Henrique de Lemos teve um gesto de desalento e accendeu um cigarro. Um profundo suspiro escapou-lhe do peito e, tomando de cima da secretária uma revista qualquer, começou a folheal-a.

Já previa o que ia acontecer. Fôra sempre a mesma cousa. Sylvia se enciumava, começava a falar, a insistir numa pergunta tola, e ia ficando nervosa, irritada, até resolver tudo numa tremenda crise de hysterismo. Tres annos!... E quantos mais se passariam assim!...

Sylvia approximou-se mais, sentou-se num braço da poltrona de couro e, lentamente, pensativa, poz-lhe as mãos nos hombros:

— Escuta, Henrique,... deixa essa revista e escuta. Sabes perfeitamente das torturas que esse teu silencio me causa... Se me quizesses tanto quanto querias a Laura, não me farias soffrer assim... e me dirias logo a verdade. Eu quero sabel-a, Henrique, e tenho o direito de sabel-a. Conta-me, Henrique...

— Mas... contar-te o que, Sylvia?!

— Que Laura foi o teu grande amor...

— Como poderei eu contar-te isto, se não é verdade?

— Então Laura não foi o grande amor da tua mocidade?

— Não foi, Sylvia! Juro-te por Deus, que não foi.

— Então quem foi?

Elle sorriu-lhe ainda. — Com quem me casei eu?

— Ora! Isso não quer dizer nada! O casamento não é mais que uma convenção... Poderias ter gostado de outra e casado commigo por méra conveniencia...

— Por conveniencia?!

— Sim... Eu era rica e pertencia a uma familia de posição social... Laura era pobre e seu pae um simples empregado subalterno da Estrada de ferro...

Henrique empallideceu um pouco e fitou-a profundamente:

— Não me insultes, Sylvia, por favor. Lembra-te bem de que houve um caso destes em relação a ti. Sabes de que era voz corrente que tinhas uma verdadeira paixão por Eurico Oswaldo que era então um rapaz muito pobre e que a tua familia se oppoz a essa união. Eu, entretanto, nunca te insultei com uma suspeita assim. Quando me contaste que era falso tudo o que falavam e que não tinhas por Eurico mais que uma amizade fraternal eu te acreditei e não pensei mais nisso, não é verdade?

Sylvia ficou muito tempo calada, pensativa, com o olhar parado, absorta como se revolvesse um velho cofre de pergaminhos... Depois, tornou mais exacerbada ainda:

— Justamente o que me revolta é esse pretexto que sempre inventas para fazer-me mudar de assumpto! Julgas-me demasiadamente tola!

Seus grandes olhos despediam chispas de colera.

— Depois... se ficas bloqueado pelas minhas perguntas, pelos meus argumentos, lanças mão do ultimo recurso — a systematica negativa: não, não, não

Nervosa, febril, ella ergueu-se num impeto, lançou para traz duas madeixas louras, approximou-se da janella e poz-se a

olhar o horizonte illuminado pelos ultimos raios do sol e as rosas vermelhas do jardim; olhava sem vêr. Depois voltou e poz-se de pé deante do marido. Tremia toda como no fim de um terrivel accesso de febre.

— **Para que mentes, Henrique?** Eu sei de tudo, eu sei **a verdade núa**... Se insisto assim é só **porque se a ouvisse** de teus labios, eu me sentiria **melhor**, comprehenderia que tudo está acabado entre vocês dois e que tens confiança em mim!!! Mas... desta maneira só consegues aggravar a tua situação... Vamos, Henrique, conta-me, conta-me que Laura foi tua amante, que foi realmente o grande amor da tua mocidade, que esse affecto encheu o teu coração até o dia do nosso casamento... Laura foi tua amante, não foi?

— Pela millionesima vez eu te respondo — não foi.

— Se não foi, então, é porque ainda é?

O rapaz abanou desalentado a cabeça:

— Não é, Sylvia...

— E' então verdade que o que houve entre ambos foi apenas um ligeiro "flirt" sem consequencia, conforme me contaste?

— E' verdade.

— Então é mentira o que me contaram?

— Eu não sei o que te contaram.

— Que passaste um verão inteiro com ella em Petropolis?

— Isso não é mentira. Num verão que passei em Petropolis, Laura ali se achava com umas primas.

— Então?

— Então! Que tem isso?

— Ah! Não tem nada!

— Absolutamente nada! Então o simples facto de nos encontrarmos no mesmo hotel implica em que tenhamos sido amantes?

— Vês? Já estás perturbado... Bem percebes que eu sei descobrir a verdade!... Mentiroso! Hypocrita! Não tens vergonha de passar commigo junto daquella mulher?!

As primeiras lagrimas encheram os lindos olhos de Sylvia, tremularam, avolumaram-se, rolaram-lhe pelo rosto incendido de colera.

— E quantas vezes me repetiste e juraste que eu fôra o teu primeiro e unico amor na vida!... Hypocrisia humana!

Um sorriso estranho, nervoso, entreabria-lhe os labios e as suas pupillas pareciam crescer ainda ao fitarem o marido!

Elle ergueu-se da poltrona; ella poz-se de pé deante delle, esbelta, fragil como uma flôr aquatica, assim tão branca e loura, vestida de verde malva...

— Por que te vaes? Estás naturalmente envergonhado por ter eu descoberto a tua falsidade, não é? Mas isto não me basta, Henrique! Eu quero ouvir a verdade dos teus labios... Dize-me, conta-me que Laura foi o teu grande amor... Se soubesses!... E' justamente a tua negativa o que mais me exaspera, porque eu a considero como uma homenagem ao teu amor, uma homenagem á Laura...

Completamente desalentado, Henrique deixou-se cahir num divan e, recostando no espaldar a sua bella cabeça altiva, esperou calado pelo epilogo daquella habitual scena de ciume. Perdera toda a esperança de que voltasse a paz ao seu lar, perdera todo o prazer de ir com Sylvia a um cinema, a um theatro ou a um baile, pois que sabia que de regresso á casa teria com ella, por qualquer futilidade, uma infallivel discussão. Aquella desconfiança de Sylvia em relação á Laura, moça bonita e intelligente, cuja tia fôra a dona de uma pensão em que elle morava quando estudante, datava dos tempos de noivado e, longe de dissipar-se com o casamento e com as suas muitas provas de affeição á esposa, augmentava cada vez mais, enormemente, transformando-lhes a vida num verdadeiro inferno.

Que fazer? A noite cahira quasi que de todo e a penumbra era densa no pequeno salão.

— Não é melhor accendermos as lampadas, Sylvia? — perguntou elle numa ultima tentativa para mudar de assumpto. — Parece-me que são quasi horas de jantarmos. Vae pôr o teu chapéo e vamos jantar na cidade. Queres?

Ella ficou indecisa; depois, veiu sentar-se junto delle no divan e tremula, meiga, passou-lhe um braço pelo pescoço e beijou-o na fronte.

— Como tu és bom, Henrique!... Eu reconheço que sou má.

Elle sorriu-lhe e enlaçou-a pela cinta.

— Não digas isso, Sylvia... Tu não és má, és ciumenta e nada mais.

— Sim... mas... eu tenho toda a razão de ter ciumes, não é?

— Não... não tens nem uma razão...

Ella afastou-se bruscamente delle e exclamou enraivecida:

— Ora esta! Ainda tens o coração de continuar a mentir-me, Henrique?

— Meu Deus!...

O pobre rapaz, que acreditára que a scena estivesse no fim, calculando pela duração das outras, comprehendeu que se enganára, que a scena de hoje seria muito mais violenta e que nada, nada poderia obstar a que assim fosse.

Mas Sylvia approximou-se de novo, enlaçou-o estreitamente numa caricia ardente e falou-lhe muito baixinho, numa voz cariciosa e lenta:

— Deves comprehender-me, meu amigo, que se insisto desta maneira pela tua confissão não é senão para sentir que és meu, realmente meu e que está tudo acabado com Laura... Do contrario, eu ficarei sempre nessa duvida cruel de teres ou não um segredo para commigo. Se me confessasses a verdade eu não me zangaria, eu comprehenderia tudo perfeitamente e te perdoaria de todo o coração...

(Termina no fim da revista)

DESENHO DE J. CARLOS

Temporada Official 1929

GRETA SCHRODER WEGENER, artista allemã, primeira figura do elenco da Companhia Dramatica que estreara no Theatro Municipal na noite de 20 do corrente. Foi consagrada a primeira interprete allemã do papel de Desdemona.

PAUL WEGENER, que impressionou o mundo com as suas sensacionaes interpretações no cinematographo, virá ao Rio dar alguns espectaculos com a Companhia Allemã George Urbann. Entre as interpretações cinematographicas de Paul Wegener basta citar "ALRAUNE".

A visita official de Shakespeare

Ham'eto em trajes modernos em Praga
Ophe'ia bordando

No tempo de Vo'taire, um audacioso que ao ta'ento devia alliar muita coragem, si é verdade que a justiça acaba por triumphar, ousou traduzir Shakespeare, desafiando a co'era do despota Terney. Chamava-se Letourneur e de 1776 a 1783 fez a traducção da obra inteira em vinte vo'umes, traducção descu'dada, feita um pouco ás pressas como a do nosso Ruscon'. Quarenta annos depois a traducção de Letourneur foi revista e correcta pelos senhores Guizot e Pichot e fo' fina'mente ec'ipsada pelos traba'hos mais conscienciosos de Laroche, do filho de Hugo e de Montégut.

Quando, porém, o pobre Letourneur teve aquel'a idéa genia', abriram-se as cataratas da ira vo'teriana: o deus chamou-o de miseravel assim que appareceram os dois primeiros vo'umes; griphou que aqui'lo era uma affronta á França, a Racine e a Corne'lle e continuou declarando que seme'hante tratante, coberto com um barrete de burro deveria ser amarrado ao pelourinho, o pe'ourinho que Victor Hugo devia ce'ebrar com Quasimodo.

Mas Letourneur, engu'indo calado os insu'tos, foi continuando. Entretanto, antes de'le Duc's já havia saqueado Shakespeare, traduzindo-o e adaptando-o para ser representado, sem indicar, porém, a origem.

Tambem em 1769 em a'exandrinos adocicados appareceu "Hamlet"; "Romeu e Julieta" em 1772, o "Rei Lear" em 1783 e fina'mente "Othel'o" em 1792 (sendo o famoso lenço tragico substituido por um col'ar de perolas), todos sem nome de autor, apenas com a menção: "imitado do inglez". Publicando "Romeu e Julieta", dec'ara no prefacio que se insp'rou tanto em Shakespeare como em Dante. Talvez o pobre Ducis, lendo o sexto canto do Paraiso, tenha encontrado o nome de Romeu e no quarto do Inferno o nome de Ju'ia e os tenha reunido, casando a filha de Julio Cesar, mu'her de Pompeu, com o condestavel de Raymundo Berengar'o IV, conde da Provença.

Mas depois da cópia Ducis-Letourneur, o bom Wiliam foi esquec'do em França. Napo'eão que admirava e amava tanto Ossian, não se importou com Shakespeare. Passaram-se muitos annos, até que em 1822, a 31 de Julho e a 3 de Agosto, uma companhia ingleza representou "Othello" na "Porte Saint-Martin". A 25 de Ju'ho de 1825 o "Othe'lo" de Rossini foi um triumpho e a 27 de Junho de 1827, na Opera, o "Macbeth", de Rouget de l'Isle e A. H'x, musica de Che'ard.

Mas a visita official de Wi'liam Shakespeare á França só se realizou no fim do verão de 1827, exactamente a 9, 15 e 18 de Setembro, quando uma companh'a ingleza representava no Odeon, "Hamlet", "Julieta e Romeu" e "Othello", debaixo de uma verdadeira tempestade de enthusiasmo.

Que ousad'a vo'tar ao Odeon, depois dos assobios e da vaia que hav'am acolhido o "Othello" inglez na "Porte Saint-Mart'n"! Mas é que desde 1822 os tempos estavam mudados. Os defensores extremados dos c'assicos, ameaçados de serem derrotados definitivamente por aquelle outro sol de Austerlitz que foi "Ernani", começavam a ceder. Byron e Wa'ter Scott já haviam obtido seus dire'tos de cidadãos literarios; o senhor Lemercier, o am'go do general Bonaparte e inimigo do Imperador Napoleão, havia adaptado "Ricardo III" e falava-se com ins'stencia num "Othello" de Alfred de Vigny, que foi representado mais tarde no "Théâtre Français" a 24 de Outubro de 1829 e do "Romeu e Julieta", de Soulie, que foi recebido com agrado no Odeon a 10 de Junho de 1828.

Ora, a Companhia Ingleza estreou tambem no Odeon a 7 de Setembro do anno de graça 1827. Um actor que se chamava Abbott pronunciou um pequeno d'scurso em francez com o velario descido; em seguida representaram "Os Rivaes", de Sher'dan e "Um Capricho da Sorte", de Alingham.

Apresentação da companhia que se impoz immed'atamente pela cohesão, pela disc'plina que faziam rea'çar o menor deta'he, pelo successo pessoal de um actor comico que se chamava Liston e pe'a bel'eza, a graça, a espontaneidade de uma joven actr'z chamada Miss Smithson que, como veremos depois, representou um outro papel, de muito maior importancia, na vida de um grande compositor francez.

Mas os inglezes não tinham vindo para tornar conhecidos nem Sheridan, nem Alingham, nem Othway, e sim para darem inconscientemente o primeiro impulso áquelle movimento irresistivel, para bater com a vara de Moysés no granito do classicismo e fazer transbordar o riacho que se devia transformar naque'la grande corrente literaria, como lhe chamou Georges Brandès, que da Restauração ao segundo imperio devia alagar não só a França como a Europa inteira com o nome de Romantismo.

Era Shakespeare que se esperava dos inglezes, não o Shakespeare agua de rosas, um pouco adocicado, pencirado em alexandrinos de Ducis ou de Letourneur, e sim o verdadeiro Shakespeare, fulgido de imagens, como o proclamavam aquelles que sabiam inglez.

Eram poucos, porém, estavam dispersados e esses mesmos tinham raramente o dom da eloquencia que convence. Conheciam-es fragmentos. O proprio Guizot, que ma's tarde devia vir a traduzi-o, ignorava naque'le tempo a lingua ingleza.

A espectativa era de ansiedade febr'l, de sorte que, tendo os cartazes annunciado "Ham'et", a sala do Odeon a 9 de Setembro parecia uma repet'ção daquel'as noites memoraveis de 10 de Fevereiro de 1829 e 25 de Fevereiro de 1830 no "Théâtre França's" em que se effectuaram as batalhas de "Henrique III e a sua côrte" e de Ernani". Quando o panno se levantou para a scena da plataforma do castello de "Elsenour", os moços que enchiam os logares mais baratos e os mesmos cujos nomes deviam um dia vir a alcançar gloria mundial, esses moços sentiram-se fasc'nados. O actor Kemble conquistou-os logo ás pr'meiras pa'avras. A França tinha tido um punhado de grandes artistas e Talma com sua voz, sua figura, seu gesto, ainda personificava demais a perfeição, para que o contraste não se tornasse por demais evidente. Naquel'e, be'la e sonora dicção, gesto correcto e impeccavel; neste, um homem em carne e osso que se agitava, que soffria, que se torturava. Si aqu'l'o era a arte, isto era a vida. A recitação real'sta de Kemb'e, a bel'eza de "Ophelia", que era a Smithson, a com'cidade discreta de "Po'onio", que era Abbott, bem auxiliados pe'os outros art'stas provocaram enthusiasmo.

Cada um dos espectadores sabia "Hamlet" de côr e, portanto, mesmo em inglez, as scenas dos espectros, dos retratos, da loucura, do cemiterio estremeceram o theatro sob applausos form'daveis. Seguiram-se depo's algumas "reprises"; a 15 de Setembro representou-se "Julieta e Romeu", em que Abbott fascinou o pub'ico no papel de "Mercut'o" e final-

mente Kemble deu o golpe final com o "Othello" a 18 do mesmo mez. Aquelle Shakespeare era inteiramente desconhecido do publico francez. E' preciso notar, no entanto, que os tempos estavam mudados: na pintura, na musica, na literatura, a nova palavra já se fazia ouvir inconscientemente. Mas o bom William devia dar o golpe final.

As consequencias foram varias. Hector Berlioz passou da admiração por "Ophelia" ao amor pela actriz e desposou Henriqueta Smithson. Alfred de Vigny, que escrevia um "Othello", sonhou com certeza as paginas mais bellas do "Doutor Negro"; Charles Nodier renegou definitivamente o "Vampiro" e ficou de vez com os Romanticos; Alexandre Dumas escreveu "Christina" e pensou em "Antony", tendo Kemble deante dos olhos, e Victor Hugo fez mais e melhor: redigiu o manifesto do romantismo no famoso e até hoje portentoso prefacio de "Cromwell".

E como nesse momento a politica franceza parecia arrastada pela opposição transbordante a uma ruptura com a Inglaterra, a arte approximou os dois paizes.

Da sua cadeira, na "Sorbonne", Villemain ousou comparar á "Morte de Cesar", de Voltaire, o "Julio Cesar", de Shakespeare, e dessa comparação se deprehendia a primazia do segundo sobre o primeiro.

E artistas magnificos como Kemble, como Macready, como Kean (que em 1828 devia revolucionar Paris em "Ricardo III") dissiparam todas as nuvens; graças a William Shakespeare, a politica anti-ingleza de uma opposição tremenda ficou definitivamente vencida.

E mais uma vez a arte venceu e triumphou onde a diplomacia havia sido impotente.

ALESSANDRO VARALDO

Romeu e Julieta em Varsovia

Scena do ultimo acto da opera Isar Sultan, que vamos ter este anno aqui, no Theatro Lyrico, apresentada pela "Opera Privé de Paris", que N. Viggiani contractou e que vae ser o grande exito da estação.

DE PARIS

M'ss Florence, do Casino de Par's, um dos numeros de ma or ex to da revista deste anno.

A "Coméd e-Française", que tem dado ultimamente preferencia as peças em um acto, representou "Puisque je t'aime", do senhor Eugène Br eux, pequena comed a de uma psycologia delicada e espirituosa, leve e profunda, porque att nge a real dade dos sent mentos humanos E um estudo de caracter digno de figurar entre as obras-pr mas c ass cas O senhor Brieux descreve a mu her ciument a que se tortura a s propria com suspeitas ridiculas e doentias, atormentando ass m o pobre do mar do que el a adora e que tambem a ama.

Este pequeno drama comico e cruel da v da quotidiana foi interpretado com extraordinaria inte igencia e segurança de compos ção pelos dois interpretes princ paes, o senhor Brunot e M'e Madele ne Renaud, assim como pe as senhoras Andrée de Chauveron, Sherbay e Roussel.

"Ju'es, Juliette et Julien ou l'Ecole du Sentiment", na "Ma son de l'Oœvre", é uma das peças mais lindas do senhor Tristan Bernard O espirito brejeiro, o "humour", a habi idade descuidosa que constituem o successo da sua mane ra, fazem-se notar a cada passo: e a ém disso uma sens bilidade real, uma sinceridade de emoção que he dão feição nova O enredo é mu to simp es Um solteirão (quarenta annos), homem de negocio, casa-se com uma moça da burguezia, como ha mu tas Tornam-se immediatamente um casal ve'ho onde a razão predom na Mas Julieta guardou uma tendencia romantica não sat sfeita: o encontro com Julien, o aviador, traz-lhe a distracção desejada. Pa xão subita, divorcio .. Oh ! não ! E' aqui que a psyco og a ma iciosa do senhor Tristan Bernard reapparece; bastou a Julieta enganar seu marido para esgotar o seu gost nho pela aventura, e o mar do com ça a desejar sua mu her desde que vem a saber da sua infide dade Essa comedia deliciosa, menos frivola do que parece á prime ra vista, é interpretada á a tura do seu valor pe os senhores Georges Colin, Le Gour adec, M''e Yolanda Laffont; o senhor Lugné-Pœ impõe um desses typos de que tem a especial dade

---

O theatro "Saint-Georges", para melhorar seus espectaculos, não só pelo terror, como tambem pela litteratura, levou á scena um acto do senhor Pau Bourget: "Trop de remede est un po son", publicado ha alguns annos na "Revue des Deux Mondes": é a demonstração, a proposito de um acontecimento tragico, da these favor ta do autor do perigo que ha em querer a cançar de repente uma situação socia muito elevada "Les Mangeurs d'hommes", do senhor André Perye, antes uma novella das "Oœvres Libres", fazennos tremer com uma histor a de incend o, de tigre e de luta sangrenta entre jogadores de "poker" numa mo dura exotica de f oresta virgem "Coco ... chérie", dos senhores Lean M chel e Alfred Vercourt, é uma fantasia despretenciosa sobre a cocaina, e a "Vér té", do senhor Pierre Wo ff, que se passa num consultorio medico, term na em drama uma serie de observações satyr cas e jocosas Fazem-se notar de modo especial, entre os artistas hab tuaes, os senhores Paulais, Guy S oux, Mmes Grumbach e Marguer te Louvain

---

"L'Aube, le Jour et la Nuit", de Dario N codemi, peça que foi representada ha muitos annos e que fez successo em diversos pa zes, não parece ter recebido em França, no theatro da "Pot n ére", onde a levaram agora, um aco himento tão favorave Póde-se chamar peça a este poema dialogado, de uma f cção singular, que não tem mais de dois personagens e a gumas vozes nos bast dores ? O eixo sobre o qual gira a acção é muito romantico: um rapaz achou de madrugada, num bosque, uma moça desma ada; quanto a elle, deve bater-se em duello

Gaby Morlay

Dolf'e e Bil'e, do Moulin Rouge

Jules Berry e Suzy Pr m, em "Le Rabatteur", de Henry Fa k, no theatro de l'Avenue.

instantes depois. Tornam a encontrar-se na tarde desse mesmo dia e na noite seguinte. As disposições de ambos variam conforme a hora e é esse o thema fundamental dessa fantasia artificial: a poesia sentimental da madrugada succede o prosaismo quasi brutal do dia, attenuado, entretanto, pela noite propicia aos amantes. Tivemos ao menos ensejo de apreciar o senhor Jules Berry e Mlle. Susy Prim em papeis muito differentes dos que costumam interpretar.

—

A' influencia do cinema e do gosto anglo-saxão, devemos no theatro da "Madeleine", "Le Train fantôme", peça em tres actos do senhor Arnold Ridley, adaptado do inglez pelo senhor Henry d'Erlanger. E' uma especie de drama Grand-Guignol, mysterioso, infantil e mesmo um tanto absurdo, mas que não deixa de produzir grande impressão sobre o publico pelo modo habil com que é conduzida a acção e pela arte da sua encenação. Possue tambem a particularidade de misturar constantemente o comico ao tragico, de modo que provoca o riso e o terror quasi que simultaneamente. E' desnecessario contar detalhadamente a extravagante aventura de uns viajantes que um atrazo infeliz retem numa estaçãosinha perdida do paiz de Cornouailles e que pouco a pouco se vão sentindo allucinados pela idéa de um trem fantasma que deve passar durante a noite. O trem passa realmente, depois de uma serie de episodios dramaticos que mais augmentam a angustia. Não é, porém, um fantasma: é um trem real que transporta munições para uma conspiração bolchevista. Esta é a explicação que nos dá um desfecho politico-policial. A realização scenica é superior. Os senhores Alcover, Roger Tréville, Lurville, Mmes Moreno, Line Noro, Maguenat e outros interpretam do melhor modo possivel typos pittorescos.

—

"Le Tombeau sous l'Arc de Triomphe" no Odeon — A peça, bella e nobre do senhor Paul Raynal: "Le Tombeau sous l'Arc de Triomphe", cuja creação na "Comédie-Française" em principios de 1924, provocou os incidentes e as polemicas de que todos ainda se lembram, ficára no repertorio do nosso primeiro theatro nacional, sendo, porém, representada mui raramente. Por isso, o seu autor resolveu retiral-a e leval-a ao Odéon, que começou uma serie de dez espectaculos. O acolhimento que teve nesse novo ambiente foi esplendido. Não houve protestos de especie alguma, e o publico, vibrante de emoção, acclamou com enthusiasmo esta incontestavel obra-prima do theatro contemporaneo e seus interpretes: o senhor Francen, que substituiu o senhor Alexandre com autoridade igual; o senhor Arquillière, que depois dos senhores Paul Bernard e Desjardins deu ao personagem do pae um relevo extraordinario e Mlle. Annie Ducaux, premio do anno passado do Conservatorio, succedeu no papel da ingenua a Mme Ventura e a Mlle. Mary Bell, revelando-se uma grande artista pela sensibilidade vibrante e intelligencia profunda da sua interpretação.

—

Por occasião das festas de Jeanne D'Arc, o senhor René Arnaud teve a boa idéa de redigir para as audições radiophonicas, o texto authentico do processo de Rouen, segundo publicações eruditas feitas em 1841 por Quicherat e em 1921 pelo senhor Pierre Champion. Havia ahi assumpto para um drama profundamente emocionante, susceptivel de ser adaptado ao theatro. O senhor René Arnaud tentou fazel-o com a collaboração do senhor Pitoëff e o "Vray Procès de Jeanne D'Arc" acaba de ser representado no theatro des Arts. Sem duvida, não faz esquecer a admiravel "Saintte Jeanne", de Bernard Shaw. Mas Shaw escreveu, a respeito de Jeanne D'Arc, uma coisa toda pessoal que embora seja uma interpretação genial não é uma pagina de historia veridica. Ao contrario, a reconstituição dos senhores Arnaud e Pitoëff não contem um detalhe, uma replica que não seja a reproducção exacta dos processos conservados. Os episodios essenciaes das longas secções, escaladas entre 9 de Janeiro e 30 de Maio de 1431 foram seleccionados e reunidos com muita arte. Só uma coisa era para receiar: é que uma exactidão tão escrupulosa, desdenhando propositalmente as leis communs do theatro e de uma acção, no sentido estricto da palavra, se tornasse monotona. Tal não se dá. A verdadeira physionomia de Jeanne, expressão sobrehumana de simplicidade santa, sobresae pouco a pouco com intensidade e emoção irresistivel. Mme Ludmila Pitoëff é, mais uma vez, Jeanne D'Arc, vemol-a tão admiravel quando na obra de Shaw, e, si é possivel, mais natural e enternecedora. A companhia do theatro des Arts, toda mobilisada, dá á assembléa dos juizes uma expressão justa.

(Termina no fim da revista)

Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro

(Caricaturas de Urbano)

Marguerite Thibault,

da Companhia Milton, no Lyrico

ENLACE
COELHO DA COSTA
NEVES - MANTA

OS NOIVOS
DEPOIS DA CERIMONIA
RELIGIOSA

DEPOIS DA CERIMONIA
CIVIL, NA RESIDENCIA DA NOIVA.

De Elegancia

NESTA pagina venho mantendo, ha algum tempo, uma "enquête" sobre o que pensam da elegancia e, consequentemente da moda os nossos literatos, artistas, e figuras da alta sociedade.

Essa "enquête" tem soffrido intermittencias. Ninguem o lamenta mais do que eu. Mas a vida absorvente do Rio não permitte, dias e dias, um momento de lazer a muita gente que me poderia falar dessas cousas.

Resta-me ainda ouvir e registar a opinião de altas figuras da industria e do commercio. Taes entrevistas virão a seu tempo.

Tem a palavra, hoje, o humorismo tão bem representado por Bastos Tigre que é escriptor, comediographo, jornalista, poeta, homem de mil affazeres, e de quem a gente se admira que tenha ainda tempo para escrever coisas que façam rir gostosamente, como as que a "Macrolandia" nos dá.

Phrases de espirito, trocadilhos, foi com o que acolheu Bastos Tigre a minha tentativa de entrevistal-o sobre a elegancia em geral e as desta pagina em particular. Bastos Tigre contava com algum tempo. Insisti, pois, na minha pergunta:

— Qual o seu modo de observar as modas?...

Olhou-me com a physionomia momentaneamente grave. Até então estivera a brincar, imaginando-me, talvez, uma excepção—não ser teimosa. Não fosse eu mulher. Enganou-se. Não estava eu disposta a perder tão excellente opportunidade de apanhar os conceitos do invejavel humorista para esta secção.

E Bastos Tigre, surpreso, perguntou:

— Quer mesmo que lhe diga o que penso sobre as modas?

— Conto com a sua boa vontade...

— Mas serão as modas assumpto sobre o qual se pense? Pois se mal uma apparece já outra vem a pique de desthronal-a! — E' a vertigem da novidade. Os factos se succedem sem tempo de amadurecer... e sem trocadilho.

Bastos Tigre, já interessado pelo assumpto, continúa:

— Ainda bem não se formou em o nosso espirito uma opinião sobre a moda em vigor e já chegam figurinos parisienses apresentando a que lhe vae succeder. Não nos dá ella tempo para cogitações; a gente observa-a, admira-a ao passar e admira-se de que ella já não tenha passado. La "moda" é mobile... como "dona". Por que mudam as modas? Nada mais simples; ellas obedecem ás leis incontrastaveis do determinismo — Tudo occorre porque precisava occorrer. Ellas não variam arbitrariamente e sim de accordo com o espirito da época, com o ambiente psychologico do momento. Assim a moda nunca é bella nem feia; é apenas "moda". Não se analysa. E' "moda", e a gente a acceita se não quer estar fóra do seu tempo e, portanto, fóra da moda. O seu merito só pode ser julgado "a posteriori:" se "pegou", se fez brilhante carreira, é que a moda era bella; se cahiu é que não prestava. Ora, não precisa ser grande observador para verificar que a tendencia actual é, em tudo, para a extrema simplificação; que a evolução social se está operando no sentido radicalmente simplista. Nem se comprehendem coisas compósitas e complicadas numa etápa de vida em que tudo se quer ligeiro, rapido, sem perda de tempo! Reduziram-se as horas de trabalho; o automovel e o aeroplano encurtaram as distancias; o "sem-fio" traz o Lyrico á nossa casa para que não tenhamos de ir ao Lyrico, emquanto que a photographia animada e falada traz a Groenlandia aos salões da Avenida o que é mais commodo e rapido que se ir á Groenlandia, vêr esquimáos falando inglez.

Em musica já não se quer mais o tempo de valsa: "fox-troficaram-se" os andamentos! Em poesia os vates não perdem tempo na busca da rima e na contagem das syllabas. Comprehende-se, pois, que nestes tem-

ral fascista, que pretende fazer voltar as saias aos tornozellos. Espero não viver bastante para ter de fechar os olhos escandalizados, deante de semelhante indecencia!... Não sou dos que mais attentam nas minucias da indumentaria feminina e isso porque acho mais interessante olhar as mulheres do pescoço para cima e dos joelhos para baixo.

— Então dos vestidos...

— Dos vestidos fica-me, entretanto, a impressão da côr. Essa prefiro a viva e alegre, de accordo com o nosso vivo céo e a nossa alegre paizagem. Não quero, com isso, dizer que ame o vermelho sangue de boi ou o papagaio ou o amarello canario. Mas detesto as côres mortas que me dão a impressão de desbotados. De resto, acho que as nossas elegantes e formosas patricias descuidam-se um pouco nesse capitulo de desbotamento; não é raro ver-se nas praias e mesmo na Avenida, "melindrosas" muito bem vestidas, ao rigor da moda, com suas toilettes esmaecidas, principalmente no sitio em que os braços se encontram com o tronco.

— Está a confirmar o que venho, de ha muito, commentando em "De elegancia". Dizia, porém, das toilettes esmaecidas "principalmente no sitio em que os braços se encontram com o tronco".

— Effeito da exudação que é, aliás, indicio de boa saude... Pode ser, mas o effeito é detestavel. Admira-me que senhoritas elegantissimas, que por nada consentiriam em apresentar-se em publico com as faces desbotadas tanto assim que se "carminizam" e se "roujaficam" até para entrar no banho de mar — se permittam o uso de toilettes esmaecidas pelo sol e pela transpiração! Culpa é do commercio que vende fazendas descoraveis, tendo para a luz uma sensibilidade de chapas photographicas...

Na Europa essa questão de côres firmes de tecidos já se acha perfeitamente controlada; ha etiquetas especiaes para identificar as fazendas de côres indeleveis e a nenhum negociante é dado impingir gato pardo por lebre cinzenta. Esperemos que chegue a vez ás nossas elegantes de poder confiar nas côres de seus vestidos como nas do seu "rouge" e do carmim, quando são de boa qualidade.

pos de pressa, de improviso, de papa-leguas, de engole minutos, não possa e não queira a mulher moderna perder horas e horas no arranjo de sua toilette. Dahi a simplificação.

Nesse ponto da conversa, chega Mauricio Ferraz. As apresentações de praxe.

— Falava — disse eu temerosa de que o meu entrevistado escapasse pela interrupção, a maiores commentarios — falava em simplificação, a das roupas...

— E a mulher, continúa Bastos Tigre, começou atirando ás urtigas o espartilho, que era o ultimo dos apparelhos de supplicio que restava da Inquisição. Em seguida foi retirando, uma por uma, as sete saias de velludo de que fala uma quadrinha conhecida. Reduzidos os "dessous" á expressão mais simples, encurtaram-se os vestidos; as mangas soffreram amputação total, (de sorte que dizer-se hoje que Dona Fulana "tem panno para mangas" é dizer que essa senhora é pelo menos Irmã de Caridade). Os sapatos, de tiras entrecruzadas, restringiram-se ao minimo preciso para não cahirem do pé; dispondo do couro de um só cabrito, um industrial sendo habil, monta hoje uma fabrica de calçados para senhoras. Simplificaram-se os chapéos; as meias são de facto "meias" porque já não são inteiras? e os lenços? de tão diminutos, para que fiquem encharcados, basta que nelles cáia uma gotta de suor! Até a sombrinha foi substituida pelo "tom-pouce" que se não fôra um pouco grosso, caberia perfeitamente na "trousse" de Madame. Não sei onde irá parar essa tendencia para a simplificação, se não intervier em tempo a mo-

Quando se calou o humorista ainda fiquei um momento quieta. E' que a interessante conferencia, assim improvisada, era mais do que pedira. A satisfação de ouvil-a succedeu, naturalmente, a ansia de transcrevel-a.

"De Elegancia", hoje, está de grande gala.

* * *

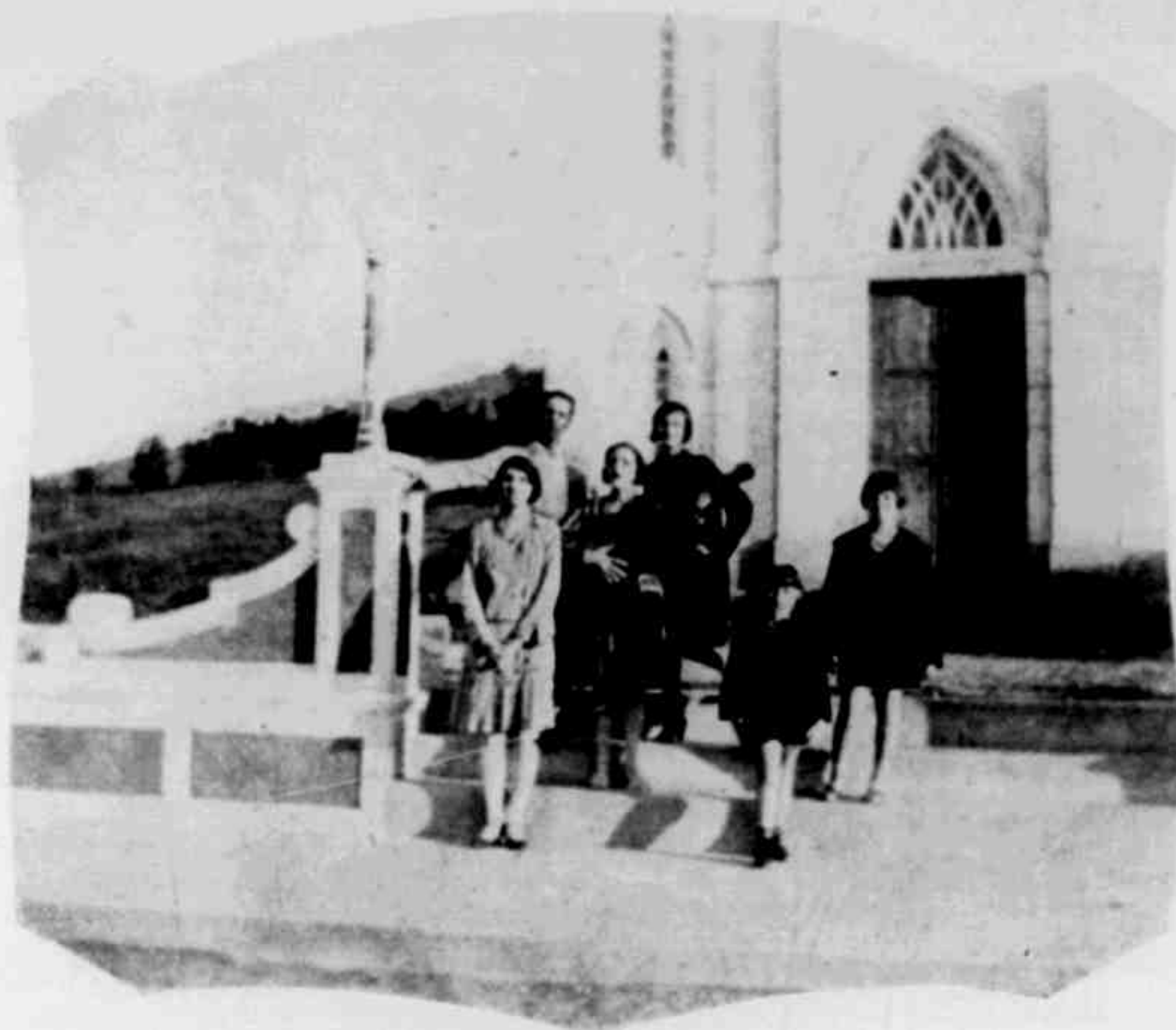
Os figurinos desta pagina: elegantes silhuetas na ultima quinta-feira nos salões do cabellereiro A. Fadigas.

* * *

A "Casa Machado" recebeu mais rendas e mais pelles.

SORCIÈRE

Em Santa Thereza, a pittoresca cidade fluminense de verão

Um aspecto parcial da cidade e a Ponte da Saudade, vendo-se a residencia do Dr. Manoel de Andrade, futuro Prefeito do Municipio.

Uma serenata á porta da Matriz

Na Praça Manoel Duarte, vendo-se o Padre Francisco e o nosso companheiro Dr. Oswaldo de Souza e Silva. A' direita: o collector Moreira Junior entre senhorinhas de Santa Thereza, na balaustrada recentemente construida pelo governo do Estado.

De Paris

(FIM)

Do seu romance social, "Bétail Humain", o senhor Victor Margueritte tirou para o "Nouvel-Ambigu" um drama que é talvez um melodrama, aliás bem feito, segundo todas as regras do genero outr'ora apresentado no "boulevard du Crime". Vê-se ali um homem de negocio, poderoso e terrivel, gavião implacavel que edifica a fortuna sobre a miseria do povo; uma moça seduzida e abandonada, cujo filho morre no hospital; um ex-combatente, mutilado que se suicida; uma catastrophe numa usina em que se fabrica gazes asphyxiantes para a proxima guerra e todas as chapas conhecidas sobre a luta das classes e o horror do capitalismo. Psycologia elementar e propositalmente deformada para defender uma these e que cae ao primeiro exame. A interpretação de Mmes. Irma-Genin, Lulu Watier e Suzanne Berni, os senhores Jacques Varennes, Desmoulins, Coizeau, Chabert e outros, apezar de não conseguir esconder a banalidade das idéas, anima convenientemente a acção.

No theatro de "L'Avenue", "Prise", dos senhores André Pascal e Albert-Jean, adaptada de "The Spider" (a Aranha), dos senhores Fulton Orsler e Lowel Brentano, que alcançou tanto successo na America e na Inglaterra, tem uma originalidade do mesmo genero que "Le Procès de Mary Dugan". O panno se levanta durante um espectaculo de music-hall: acrobatas, um malabarista, um fakir. Depois de algumas experiencias de illusionista, este desce na sala para fazer leitura de pensamentos. Tem uma altercação repentina com um espectador. Apaga-se a luz, ouve-se um tiro de revólver e encontra-se, nos degráos que conduzem ao palco, o corpo inanimado do espectador. Os policias de serviço, o delegado, um inspector da policia judicial acodem. Começa o inquerito. E' preciso os moveis do crime e o assassino que não poude fugir, pois todas as sahidas foram immediatamente guardadas. A imaginação fertil dos autores accumula peripecias sobre as quaes a direcção do espectaculo pede aos criticos guardar sigillo para não prejudicar o indispensavel effeito de surpresa. Que esse voto seja attendido! O publico, ao menos, deve saber que não terá decepção e que o titulo engenhoso da versão franceza, bem comprehendido, revelará o segredo do enigma. A autoridade do senhor Roger Karl em fakir indiano, a emoção dramatica de Mlle. Anderson, a graça espontanea de Mme Coutan-Lambert, o encanto de Mlle. Jacqueline Leclerc e a naturalidade dos outros interpretes contribuem para a illusão.

Os senhores Pierre Weber e Henry de Gorsse apresentam a sua nova comedia "La Femme au Chat", no theatro "Daunou", como sendo uma adaptação de uma peça italiana de um tal Oreste Poggio. Como se sabe, as peças estrangeiras estão em moda... Em todo caso, esta nos parece bastante parisiense. E' difficil explicar em poucas palavras quaes as circumstancias que fazem com que o filho de um banqueiro, para conquistar uma joven viuva, procure se tornar celebre expondo, sob um pseudonymo, um quadro incoherente no Salão dos super-cubistas, sendo em seguida forçado a bater-se em duello com elle mesmo, isto é, com o seu "outro eu". Os autores, cuja habilidade é sobejamente conhecida, conduzem a acção com impeccavel maestria, combinando os ditos jocosos a uma satyra espirituosa do snobismo. Deram, além disso, a Mlle. Jane Renouardt um papel encantador e cheio de nuanças. O senhor F. Gravey é um parceiro sympathico e applaudimos tambem Mlle. Fépée, Mlle. Madeleine Lambert e o senhor Gallet.

R. de B.

FACES ROSADAS

Para que sua face pareça naturalmente corada, não use nunca rouge, carmim, nem outras pinturas, senão exclusivamente carminol em pó, que se póde obter em qualquer pharmacia ou perfumaria. O carminol não tem effeito nocivo algum sobre a cutis; dá á face um tom rosado tal que ninguem póde perceber que não é natural. As mulheres de face descolorida, notarão a enorme e benefica differença que produz em seu rosto um pouco de carminol. Tanto em pleno sol, como sob luz artificial, o rosado que produz o carminol é de effeitos encantadores.

CÃES DE LUXO

(FIM)

com George Sand, de quem tem os cachos lustrosos e os olhos andaluzes. O "saluki" é difficil de criar por causa de suas longas pernas finas, como pernas de gazella e frageis como vidro. O saluki de Lady Trent, Zada, possue casa propria, uma criada para o seu serviço, um parque para seus exercicios diarios. Póde-se classificar esse animal, sem hesitação, na categoria dos cães de luxo.

Emfim, o senhor Cole Porter conheceu, a respeito de seus quatro bassets, as angustias porque passa um pae de numerosa familia quando se torna necessario dar nome a cada um dos filhos. Os paes de familia no nosso paiz recorrem ao calendario. O senhor Cole Porter preferiu a Biblia e os seus "bassets" chamam-se Rebecca, Jezabel, Josué e Jonas. Jezabel é uma velha gateira de onze annos, ciumenta como uma leôa. Rebecca é digna. Josué é burguez, incapaz de fazer parar o sol. Quanto a Jonas, a sua idade ainda lhe permitte ter illusões. Tem nove mezes.

GERMAINE BEAUMONT.

●

MULHERES...

(FIM)

Pois se ainda não me conhecias naquelle tempo!... E deixaste Laura para casar-te commigo... Que maior prova me poderias dar do teu amor? Eu sei perfeitamente que não tens mais nada com ella, mas dóe-me no coração a tua falta de confiança em mim... A vida poderia ser toda rosa e ouro para nós dois! Somos moços, robustos; casámo-nos por amor e temos um bello futuro deante de nós. A tua confissão me tranquillisaria. Fala para que o meu coração possa viver... Não tenhas receio porque nada poderá destruir o meu amor por ti. Sinto que és a minha vida, que bebo em teu halito o ar que respiro. Nosso amor florescerá como um rosal bemdito. Fala, Henrique, dissipa a treva desta duvida em que se debate a minha alma... Fala! A tua voz me salvará... A tua confissão cahirá como um balsamo no meu pobre coração! Conta-me que Laura foi o teu grande amor e eu ficarei contente, reconhecerei em ti o esposo sincero, leal, e enxugarei para sempre as minhas lagrimas. O passado é passado. Viveremos então uma vida ideal, de amor e de sonhos, numa paz infinita. Fala, Henrique!

Elle, inclinado para Silvia, via na penumbra o opalescente recorte da sua silhueta elegante e fragil, a sua bocca mimosa, os seus grandes olhos tristes fitos nos delle. E uma idéa acudiu-lhe naquelle momento. A voz de Silvia acariciava-lhe o ouvido, cantante e velada como um arrulho de amor... E se elle, mentindo-lhe, dissesse que sim, que realmente havia sido amante de Laura? Pelo que lhe acabava de dizer Silvia, aquella confidencia seria a origem da paz entresonhada e nunca realisada... Sim, elle mentiria apenas para tranquillisal-a, para acabar com aquellas discussões frivolas sempre rematadas por terriveis crises de lagrimas e hysterismo. Assim, daquelle modo, elle não poderia mais viver... Portanto, como aquella mentira não causaria o minimo prejuizo a quem quer que fosse, nem mesmo á propria Laura, porque tudo ficaria entre elle e Silvia, resolveu-se a pregal-a.

Silvia, acalmada, seria então para elle a companheira affectuosa e meiga que elle tanto ambicionára. Animado por aquelle pensamento, o rapaz ergueu cariciosamente o lacrimoso rosto da esposa, fitou-o longamente e, baixinho, quasi que num murmurio, como se aquellas palavras lhe custassem, disse-lhe pausadamente: — Bem, minha querida, reconheço afinal que tens toda a razão. Não quero mais enganar-te; quero que vejas em mim o esposo dedicado e leal que actualmente só vive para ti. O passado está morto para mim.

Silvia estremeceu e fitou-o profundamente, silenciosa, emocionada.

E elle continuou: — Confio em ti e estou certo de que me perdoarás. Laura foi minha amante.

Um grito mixto de odio e de dôr, uma risada nervosa, dissonante e Silvia ergueu-se de um salto! Tremia de raiva, de ciume, de despeito e os seus grandes olhos dilatados pela angustia tinham reflexos de aço! Afastou-se do marido como se fôra picada por uma vibora e gritou louca de raiva: — Miseravel! Hypocrita! Infame! Ai! Como me enganaste! Era então falso o que me dizias, tudo em ti era falso! A tua voz, o teu gesto, o teu olhar distillam a mentira! Afinal eu te conheço hoje tal como és, sem a mascara da mentira! Pobre de mim! A te querer, a te adorar tolamente, estupidamente, como se fosses um homem digno! E pensar que, mais uma vez, que me negasses eu te acreditaria e continuaria a viver ingenuamente junto de ti! Perfido! Bem me dizia o coração que era fundada a minha suspeita! E mais uma vez que me mentisses eu ficaria crente de que realmente me enganára! Agora vou-me, não te quero mais ver, nunca mais!... Volto para casa de meus paes de onde tive a desgraça de sahir! Está tudo acabado entre nós dois.

FLORIANOPOLIS — SANTA CATHARINA

As senhorinhas Marina, filha do Deputado Dalmiro de Barros, e Doracy, filha do Capitão Claudino Rocha, lindas "vendeuses" de "Margaridas" em beneficio da festa do Espirito Santo naquella cidade.

UNHAS ARISTOCRATICAS

Pelas unhas se conhecem as pessoas de fino tratamento.

O Esmalte Satan é o preferido pelas mulheres chics. E' empregado e recommendado pelas manicuras dos principaes Institutos de Belleza de Nova York, Paris, Buenos Aires, São Paulo e Rio.

Vantagens do Esmalte Satan:

1ª Não mancha as unhas.
2ª Qualquer pessoa póde applical-o.
3ª Resiste á lavagem mesmo com agua quente.
4ª Secca instantaneamente.
5ª Deixa um brilho e colorido inegualaveis que duram por 20 dias.

Peçam Esmalte Satan, nas principaes Perfumarias, Drogarias e Pharmacias.

Nota importante: Devolveremos o dinheiro a quem não ficar plenamente satisfeito.

ALVIM & FREITAS

Caixa Postal 1379 — São Paulo

EM PEKIM

A CAMINHO DE LIOU-LY-TCHANG (FIM)

O serviço de irrigação não é dos mais perfeitos; basta dizer-se que é praticado por dois pobres diabos que carregam uma tina pendente de uma vara, cujas pontas se apoiam aos hombros de cada um e um delles, com uma cesta de vime presa á curta haste, retira a agua da tina e atira-a no caminho, salpicando os transeuntes e os carros e pouco molhando a rua empoeirada.

Como é difficil guiar um vehiculo, atravez desta avenida em meio de um publico desrespeitador das disposições do transito! Note-se, porém, que apezar da balburdia que se observa nas principaes ruas da cidade, raros são os desastres provocados pela indifferença da multidão ao businar dos automoveis e aos gritos dos policiaes que, frequentemente, para abrirem caminho para algum cortejo official, são obrigados a applicar golpes de sabre e soccos contra os pobres transeuntes. Façamos, porém, justiça e não nos esqueçamos de affirmar a excellencia do policiamento de Pekim, em nada inferior aos melhores organizados dos paizes do Occidente.

Sempre a caminhar de rickshaw, ao longo de Ha-Ta-Men, encantados com o passeio, buscámos não perder um só dos tantos aspectos e incidentes, que nos proporciona esta rua pittoresca e aos poucos, vencendo um sem numero de obstaculos, vamos avançando em direcção do "Quartier".

Agora, ouvimos o rumor de uma musica exotica e pouco adeante, surge um cortejo estranho, o que nos obriga a parar á beira da estrada. Trata-se de um grande enterro precedido de uma orchestra original. O meu amigo Colaço então me explica que estamos assistindo á passagem dos funeraes de algum figurão da terra e durante meia hora apreciamos o desfile dos portadores de estandartes e taboletas em varias côres, contendo inscripções alinhadas em sentido vertical. São palavras de saudades dos amigos do defunto. Em seguida, reproduzidos em papel, apparecem a liteira do morto, o seu carro, o cavallo fa-

vorito e a sua res'dencia, tudo isso carregado em pompa, antes de publicamente ser queimado ao chegar o cortejo ao tumu'o da fami'ia Atraz, de carro, veem os bonzos e as carp'deiras, todos em trajes brancos, de luto, uns e outros lançando ao ar pedaços de papel dourado que representam bi'hetes de banco, dinheiro symbolico que applacará toda a an'mosidade possivel dos esp'ritos do a'ém-tumu'o contra aquile que se lhes v... juntar

A orchestra não póde ser mais grotesca, com os tocadores de gaita e de gongo accompanhando a zoada incr'vel que faz uma trompa sustentada nos hombros de um coo'ie, emquanto o musico sopra um longo tubo ligado ao mesmo instrumento.

Todos os carregadores de estandartes, lanternas e taboletas e os portadores do catafa'co são mendigos contractados a troco de algumas sapecas, pela empreza funeraria que, para a cer'monia, os veste com tunicas verdes guarnecidas de galões verme'hos e lhes proporciona para se cobr'rem, pequenos chapeos pretos, de feltro a Lu'z XI Essa indumentaria, que tanto p'ttoresco empresta aos cortejos desta terra, não impede que se veja a suje'ra e os andrajos dos mendigos.

Agora, é o pesado catafalco, 'aqueado de vermelho e ouro que, lentamente, avança, carregado aos hombros de sessenta coolies Com a fórma de uma liteira de grandes proporções, possue quatro columnas que sustentam um tecto rematado por uma cupola central e do qual pesados e espessos reposteiros pendem occu'tando o sarcophado de camphora Atraz, fechando o cortejo, em pequenos carros — os classicos "Peking carts" — segue a fami'ia enlutada

Emfim, passado o enterro, o trafego restabelecido permitte que pros'gamos a nossa caminhada Quasi ao de'xar Ha-Ta-Men, a nossa attenção é attrahida por uma imponente caravana formada por uns qu'nze ou mais came'os carregados de fardos de pelles e de lã e guiados por monges de face bronzea e de selvagem aspecto

Outr'ora, a Mongo'ia, com os seus soldados aguerridos, constantemente ameaçava a tranqu'l'idade dos chinezes e estes para se livrarem das incursões de vis'nhos tão irrequietos, construiram, ha mais de vinte seculos, a mura'ha portentosa de muitos mi'hares de "Li" e que, a'nda em nossos dias, se conserva quasi intacta Actualmente, decah'da e quasi inaccess'vel, a grande Vassa'la do Norte manhosamente d'sputada pela Russia que busca arrastar para a sua orbida o Buddha Vivo de Tá-Kue, entretem com a China vagas relaçoes politicas e um commercio que se limita á compra de tec'dos e á venda a Pekim e Tien-Ts'n, de lãs e pe'les preciosas que os camelos carregam em longas e penosas travessias Como são decorativos estes came'as da Mongolia! Percorrendo a rua mov'mentada, el'es guardam um aspecto de magestosa ind'fferença e nas suas passadas e olhar sobranceiro e calmo, seguem a'heios á balburd'a que vae em derredor...

Muito devemos ainda caminhar até ás lojas do Liou-Ly-Tchang

Agora, tendo passado por ba'xo de um "Pai-Lu" e dobrado á direita, deixamos Ha-Ta-Men e segu'mos por uma rua grandemente transitada, acompanhando de perto o muro protector do Bairro das Legações Estamos em Tung-Tchang-An-Tich, larga avenida, como a que acabamos de percorrer, macadam'sada e enfeitada com postes telephonicos e de illuminação electr'ca, tendo á esquerda o bairro d'plomatico e á d'reita, alinhadas varais casas commerciaes européas semiocultas ao nosso olhar por um extenso arvoredo que ainda não se cobriu da sua folhagem annual

Por uma estreita passagem guardada d'a e noite por sentinellas do serviço internacional, deixada para traz a Capital Chineza, entramos em terras estrangeiras, isto é, no bairro das Legações que atravessaremos em toda a sua extensão, até alcançar no lado opposto de Pekim, o Liou-Ly-Tchang distante...

Hs'n-Kai-Lu, 3ª Lua do 8º anno da Republica

LABIENNO SALGADO.

•

PRAIAS DA NORMANDIA. — ETRETAT.

(FIM)

Num extremo da praia está o ba'rro dos pescadores Antigos cascos de barcos, imprestaveis para a grande aventura, são aproveitados: as "ca'oges". Cobertos de colmo, como cabanas, esses cascos, onde se rasgam portas, servem para guardar as rêdes Um cheiro de alcatrão e de mares'a exhala-se das ve'has taboas. Com o cachimbo pendente da bocca, homens tranquil'os tecem cordames.

Nas casinhas do ba'rro, mu'heres robustas lidam com creanças que choramingam Outras lavam roupa

A Etretat dos r'cos é a dos vil'inos. A Etretat dos burguezes é a da rue Alphonse Karr. A Etretat dos pobres é esta.

E' a Etretat que eu adoro, na tarde de outomno ... A Etretat lyrica... Em frente, o mar pardacento, com umas velas vagarosas que navegam para o norte Uma fumaça de navio passa longe, convida a partir...

...o teu amor e uma "caloge"...

RIBEIRO COUTO.

Clinica Medica de "Para todos..."

LOBINHOS

Dá o vulgo semelhante denominação a uma especie de kistos constituidos por um sacco sub-cutaneo que encerra productos solidos ou liquidos.

A accumulação desses productos, determinando a dilatação de um folliculo mucoso ou sebaceo, dá logar á formação do kisto sub-cutaneo, o qual apparece em varias partes do corpo, sendo, entretanto, mais frequente na face e na cabeça.

Conforme a natureza dos productos que elle encerra — serosidades, hydatides, materias sebaceas, substancias gordurosas, sangue, etc — o sacco recebe a designação de kisto "seroso", "hydatico", "sebaceo", "adiposo", "hematico", etc.

O sacco sub-cutaneo consta de uma membrana espessa e resistente, formada por um tecido analogo á derme e adherindo, por sua face externa, aos tecidos adjacentes.

Em regra, é pequeno o volume dos lobinhos, os quaes não vão além do tamanho de um morango; todavia apparecem casos excepcionaes, principalmente entre os lobinhos situados na cabeça, que, muitas vezes, attingem as dimensões de uma laranja.

Geralmente os lobinhos apresentam uma fórma redonda muito bem circumscripta; umas vezes, porém, a fórma é achatada e, outras vezes, pediculada, — modalidade um tanto rara.

Os lobinhos são moveis, mais ou menos amollecidos, indolores á comprehensão e isentos de coloração anormal da pelle. Seu resenvolvimento é feito lentamente e, depois de adquirirem um certo volume, patenteiam, quasi sempre, feição estacionaria. E, embora não causem incommodo de especie alguma, — exceptuados os lobinhos do rosto e das palpebras — ninguem deve deixal-os entregues a si mesmos, porquanto permanecem durante a vida inteira.

Antigamente fazia-se o tratamento dos lobinhos, empregando apenas violenta cauterisação. Toda a superficie de taes kistos sub-cutaneos recebia a "massa caustica de Vienna; protegendo-se cuidadosamente os tecidos circumvisinhos, por meio do esparadrapo, seccionado ao centro, para que o medicamento pudesse actuar, no ponto desejado. E a "massa caustica" devia permanecer durante dez minutos, — espaço de tempo sufficiente, para a formação de uma eschára.

Retirada a "massa caustica", a eschára, oriunda da acção irritante por ella exercida, era coberta por um esparadrapo. E, decorridos alguns dias, a eschára se destacava, sahindo com ella a membrana do kisto e ficando uma ferida mais ou menos profunda que era tratada por fios de linho, cobertos por um unguento cicatrizante.

Tal processo, demorado, doloroso e inesthetico, deixava invariavelmente cicatrizes bem visiveis.

Hoje, o tratamento radical dos lobinhos pertence exclusivamente á esphera da cirurgia. Feita a anesthesia local, por meios proprios, — ether, chlorethyl, cocaina, stovaina, etc. — pratica-se a extirpação do sacco sub-cutaneo, extrahindo a membrana adherente ás circumjacencias.

O processo operatorio deixa uma cicatriz muito menos accentuada e tem todas as vantagens sobre o methodo da cauterisação.

CONSULTORIO

A. P. S. (Rio) — Use tintura de genciana 3 grammas, tintura de belladona 4 grammas, tintura de condurango 4 grammas, citrato de sodio 10 grammas, xarope de hortelã 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro, — meio calice, de 3 em 3 horas. Pela manhã, em jejum, e no momento de se recolher ao leito, use uma colher (das de sopa) deste medicamento: tintura de noz vomica 1 gramma, extracto fluido de canna-fistula 10 grammas, glycerina 50 grammas, extracto fluido de cascara sagrada 30 grammas, manná em lagrimas 30 grammas, xarope de ameixas 200 grammas.

L. P. M. (Cachoeira de Itapemirim) — Pela manhã, lave a região indicada com uma solução de borax e, depois de enxugal-a, empregue em uncções: glycerina neutra 20 grammas, oxydo de zinco 5 grammas. Deixe o remedio actuar durante o dia inteiro e, á noite, retire-o, lavando a região com agua iodada, enxugando-a e polvilhando-a em seguida com aristol. Internamente use: arrhenal 50 centigrammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glycerina 30 grammas, xarope de proto-iodureto de ferro 300 grammas, — uma colher (das de sopa), depois de cada refeição principal.

A. V. (Alfenas) — Faça 2 lavagens diarias, uma pela manhã e outra á noite, injectando, na fistula, por meio de uma seringa, esta loção: creosota de faia 2 grammas, alcool a 40 gráos quantidade sufficiente para dissolver a creosota, tintura de myrrha 20 grammas, agua vida 500 grammas. Feita a lavagem da manhã, applique, durante o dia: extracto de meimendro 1 gramma, extracto hydro-alcoolico de cicuta 2 grammas, extracto de belladona 2 grammas, xeroformio 2 grammas, vaselina esterilisada 20 grammas. A' noite, depois de fazer a ultima lavagem, enxugue a região e applique o aristol. Internamente use: antes de cada refeição principal, uma colher (das de sopa) do "Oleo de figado de bacalháo e gaiacol de Berthe". No momento de se recolher ao leito, use uma capsula de "Opolaxyl".

MLLE. X. (Petropolis) — Só a electrotherapia dará resultados apreciaveis. Experimente as massagens vibratorias ou a electrisação, por meio do apparelho de Ruhnkorff.

DR. DURVAL DE BRITO.

Residencia do Dr. Mario Gomes Carneiro, rua Viveiros de Castro, em Copacabana

●

Creanças da rua do Commercio em São João d'El-Rey, Minas, brincando de roda, ao cahir da tarde.

Officinas Graphicas d'O MALHO